

## TEIAS DE MEMÓRIAS: SÍTIOS, LUGARES, ARQUITETURA, PAISAGENS, CIDADES E ESPAÇOS GEOGRÁFICOS<sup>1</sup>

*Webs of memoirs: sites, places, landscapes, cities and geographic spaces*

Werther Holzer<sup>2</sup>

### RESUMO

O texto é uma versão, quase que integral, do Memorial apresentado em dezembro de 2019 como requisito parcial para a progressão para a classe de professor titular. Como a banca praticamente coincidiu com a realização do X Seminário Nacional sobre Geografia e Fenomenologia é apresentado como uma teia de memórias onde o Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural e os aportes por ele utilizados são protagonistas. O memorial apresenta, primeiramente, uma discussão teórica sobre as pesquisas do autor, para depois explicar, a partir de uma base fenomenológica, a minha inserção acadêmica.

**Palavras-chave:** Memorial. Geografia Humanista Cultural. Fenomenologia. Arquitetura e Urbanismo.

### ABSTRACT

The text is an almost complete version of the Memorial presented in December 2019 as a partial requirement for progression to the full professor class. As the board practically coincided with the holding of the X National Seminar on Geography and Phenomenology, it is presented as a web of memories where the Research Group on Humanistic Cultural Geography and the contributions used by it are protagonists. The memorial presents, first, a theoretical discussion about the author's research, and then explains, from a phenomenological basis, the academic insertion of the author.

**Keywords:** Memorial. Humanistic Cultural Geography. Phenomenology. Architecture and Urbanism.

1 Texto composto a partir do Memorial apresentado como requisito para fins de progressão funcional para professor titular do Departamento de Urbanismo da Universidade Federal Fluminense em dezembro de 2019.

2 Professor Titular do Departamento de Urbanismo e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense. Coordenador do Laboratório do Lugar e da Paisagem e dos Grupos de Pesquisa Geografia Humanista Cultural e Cidade, Processos de Urbanização e Ambiente. wertherholzer@id.uff.br.

✉ Rua Dr. Nilo Peçanha, 01/806, Ingá, Niterói, RJ. 24210-480.

**APRESENTAÇÃO**

“Todavia, o apelo do caminho do campo fala apenas enquanto homens nascidos no ar que os cerca forem capazes de ouvi-lo. São servos de sua origem, não escravos do artifício. Em vão o homem através de planejamentos procura instaurar uma ordenação no globo terrestre, se não for disponível ao apelo do caminho do campo. O perigo ameaça, que o homem de hoje não possa ouvir sua linguagem. Em seu ouvido retumba o fragor das máquinas, que chega a tomar pela voz de Deus. Assim o homem se dispersa e se torna errante. Aos desatentos o Simples parece uniforme. A uniformidade entedia. Os entediados só vêem monotonia a seu redor. O Simples desvaneceu-se. Sua força silenciosa esgotou-se.”

Martin Heidegger (1969)

Por coincidência, ou não, se cruzaram os caminhos do “X Seminário Nacional sobre Geografia e Fenomenologia – Entre o Passado e o Futuro” (X SEGHUM) e do, talvez mais importante, “X Seminário de Trabalho do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural”, voltando, no início da primavera de 2019, à sua casa primeira, a Universidade Federal Fluminense em Niterói, com os caminhos do “Memorial” que apresento a seguir, requisito para minha progressão a professor titular do Departamento de Urbanismo da mesma Universidade e defendido no início do verão de 2019, no mesmo local em que fora, dez anos antes, realizado o I SEGHUM.

Minha carreira como pesquisador e professor, para não falar a minha vida como ser-no-mundo, está entrelaçada, ontologicamente, com o apelo pelo Simples, que sempre procurei no Urbanismo e na Arquitetura, e pelas trilhas do espaço geográfico na Geografia Humanista Cultural e, como consequência ou como origem, na Fenomenologia.

O “Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural” representa uma etapa de maturação na minha trajetória pessoal e, mais do que isso, uma conjunção de pessoas e de coletivos que, impulsionados

pelo *Zeigeist*, se reuniram em torno de mesas reais e imaginárias para saborear os frutos da Geografia, da Arquitetura e do Urbanismo e de outras disciplinas, em conjunção com a Arte e com a *Poiésis*, para além daquela Ciência como concebida pelo mundo Moderno.

Surgiu das demandas do ambientalismo dos anos 1970 e 1980 por uma ciência voltada para a ação, ou seja, visceralmente ligada ao mundo da vida, ao mundo cotidiano e, também, das críticas ao pensamento hegemônico modernista com forte base no aporte fenomenológico.

Teve como base a renovação da Geografia Cultural Norte-Americana que, no Brasil foi divulgada e estimulada principalmente pelo “Grupo Espaço e Cultura” da UERJ, que propiciou a divulgação de diversos textos de autores estrangeiros e brasileiros voltados para o coletivo da Geografia Humanista, ou Humanística, a também para a Geografia Cultural francesa principalmente o coletivo da Geografia do Espaço Vivido.

Foi aprovado, como Grupo de Pesquisa, no Departamento de Urbanismo da UFF em 2008, mas ganhou forma durante a realização do “I Colóquio Nacional de História do Pensamento Geográfico”, realizado em Uberlândia (2008), onde fora apresentar trabalho em uma mesa intitulada “A Geografia Humanista no Brasil: apontamentos para uma epistemologia”. Ao preparar o texto para esta mesa ficou claro que havia uma crescente pesquisa e produção de textos a partir dos autores do coletivo da Geografia Humanista, fossem norte-americanos, ingleses, franceses ou brasileiros, e que esta produção se dava, como continua se dando, principalmente na “periferia” dos principais centros de pesquisa em Geografia no Brasil, e para além da Geografia, se espalhando para a Arquitetura e o Urbanismo, o Turismo, a Psicologia, Letras, se configurando como um campo transdisciplinar. Estava clara também a necessidade de se fazer a tradução de textos sobre o assunto para que se tornasse conhecido por um público mais amplo.

Em Uberlândia foi feito o convite para que Livia de Oliveira e Eduardo Marandola Jr. participassem do Grupo. O primeiro encontro informal das pessoas que constituíram o núcleo inicial do Grupo ocorreu após a Banca de Doutorado de Jaqueline Chiapetti, na UNESP de Rio Claro, continuam atuantes até hoje, eu, Livia de Oliveira, Eduardo Marandola Jr., Lúcia Gratão.

Neste momento foram formuladas as diretrizes que orientam a atuação no Grupo:

O objetivo do GHUM é de pesquisar, a partir das matrizes e aportes teórico-conceituais da Geografia Humanista Cultural, aspectos ontológicos, epistemológicos, metodológicos e éticos voltados para as relações entre a geografia e a arte; da experiência da paisagem, do lugar e de outras essências de caráter espacial; da arquitetura e da cidade em sua relação com estes aspectos geográficos. As pesquisas enfatizam a fenomenologia, a geosofia, a geograficidade, o espaço vivido e a corporeidade, apesar de estarem abertas e estimularem outros aportes teóricos e outras aproximações para além da geografia, da arquitetura e do urbanismo, em especial com a filosofia, as artes, a educação e a psicologia.<sup>3</sup>

Desde seu início a inserção e atuação do Grupo têm como parâmetro que os coletivos de pensamento têm uma organização anárquica, ou seja, estrutura-se a partir do conceito de que grupos de interesse, ou coletivos, se unem em torno de um objetivo comum, tendo por isso uma composição bastante flexível (FEYERABEND, 1977). A partir destas diretrizes o Grupo organizou anualmente dez "Seminários Nacionais sobre Geografia e Fenomenologia", sempre de modo conjunto com os encontros internos do Grupo e bianualmente quatro "Seminários Geografia dos Sabores", além de apoio a inúmeros outros eventos. Desde 2011 publica o periódico "Geograficidade", que visa a

<sup>3</sup> Descrição retirada do espelho do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural disponível no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/11418>).

difusão de artigos que se utilizam de aportes ou de temas correlatos aos pesquisados pelo grupo e tem, também, como política editorial a publicação de traduções de textos de autores importantes para a Geografia Humanista Cultural.

## PRÓLOGO

Alguns colegas recomendaram, o que foi confirmado por blogs, postagens e manuais, que em um memorial acadêmico o autor se atenha a relatar, de modo organizado e cronológico, as ocorrências históricas, isto é sua "produção" como listada na "Plataforma Lattes" e devidamente documentada. Seria tarefa fácil, seguidos todos os passos de um caminho seguro, indicado por procedimentos estabelecidos pelo paradigma neopositivista que orienta, queiramos ou não, nossas vidas acadêmicas, no meu caso enquanto cientista que deveria estar dedicado às Ciências Sociais Aplicadas, subárea da Arquitetura e Urbanismo. Esta classificação da disciplina que escolhi cursar, e que venho ensinando há 29 anos, sempre me levou a questionamentos e a indagações sobre os critérios classificatórios em si mesmo, sobre as metodologias científicas e sobre as práticas tradicionais, sobre a epistemologia da ciência e, conseqüentemente, sobre a Filosofia do Não e sobre os saltos epistemológicos (BACHELARD, 1978), sobre a organização anárquica dos grupos de pesquisa e da própria universidade em sua essência (FEYERABEND, 1977) e sobre as ontologias propostas pelo Romantismo, no século XIX, e pela Fenomenologia, no século XX e XXI, sobretudo em sua crítica ao afastamento das ciências com relação ao mundo da vida. Segundo esta reflexão a Arquitetura e Urbanismo é uma ciência humanista, holística, como todas as outras deveriam ser, não cabe nas caixas e não aceita rótulos. Mas, antes de ser Ciência ela é Arte, e por esse caminho lida com as incertezas, com o que é relativo e intuitivo. Essa reflexão procura explicar, de um modo

relativamente concatenado, a força que esta disciplina tem para mim: a de ser excêntrica e oposta ao positivismo, a de ser transdisciplinar, a de se reportar aos saberes tradicionais, a de ter como principal tarefa impor limites ao espaço geográfico (NORBERG-SCHULZ, 1979) e, ao mesmo tempo, não se deixar limitar por esta imposição, ao lidar obrigatoriamente com o mundo vivido e a corporeidade (apesar de todas as recusas impostas pela Modernidade e pelo Modernismo) e, para abreviar uma lista de infinitas variáveis, por não comportar uma distinção entre Técnica (Ciência?) e Arte.

Definitivamente não sou somente um Arquiteto e Urbanista, sou antes de tudo um professor, que pensa e vive a Arquitetura e o Urbanismo, mas que ama de coração a Geografia. Esta disciplina, se é que podemos chamá-la assim, me desviou dos caminhos seguros em prol de uma ciência das velas desfraldadas (DARDEL, 2011), me lançou, a partir do meu mestrado, nas sendas pouco trilhadas da Percepção Ambiental e, definitivamente, nas da Geografia Humanista e da Fenomenologia. A partir delas as essências “lugar” e “paisagem” fundamentam meu pensamento, não somente acadêmico, mas também na vida cotidiana em todos os seus aspectos. Somos seres-no-mundo a partir de nossas intencionalidades e não é possível separar o que somos enquanto cientistas do que somos como pessoas, por detrás dos atores estão seres humanos. Esses caminhos me levaram, durante meu mestrado, para a Geografia Humanista, e desde muito sou um Arquiteto-Urbanista-Geógrafo Humanista, ou qualquer outra ordem que queiramos dar para esta tríade.

E o Cinema?

Aparentemente tem um papel secundário na minha carreira acadêmica, mas como Comunicador Social aprendi a importância da escrita e, principalmente, da tradução (que prefiro denominar transliteração), o peso das palavras, a força das imagens, o poder da montagem e da edição e, por linhas tortas, a importância da Memória e a variabilidade infinita das versões da História.

O cinema me motiva a escrever este memorial segundo meu fluxo de vivências que é mediatizado sempre pelas lembranças, sejam próprias, ou as que outrem nos doam, pelos meios mais diversos. Nunca me agradaram as receitas de montagem do cinema norte americano, prefiro os recursos mais variados utilizados pelos cineastas europeus. Este texto, já que não posso apresentar um filme como memorial, tem como inspiradores Tarkovsky, principalmente em “O espelho”, Resnais em “O ano passado em Marienbad” e a obra de Kurosawa.

Aprendi com David Lowenthal (1985) e com Clarence Glacken (1990), a importância da memória para o meu fazer acadêmico, me dediquei ao tema em meu doutorado em Geografia Humana ao estudar as paisagens e os lugares no Brasil do século XVI e continuo a refletir sobre ele principalmente em minhas pesquisas sobre a arquitetura vernacular e, agora, recorro ao que aprendi para redigir este memorial.

Como na tese, ele está voltado para a proposta husserliana de que a fenomenologia, a partir da vida cotidiana e de nossas memórias, deve partir da “gênese do sentido” (*SinnGenesis*), ao que acrescento à “facticidade”, como enunciada por Merleau-Ponty (2006).

A primeira citação que orientou a elaboração de minha tese, orienta agora a elaboração deste memorial quase como uma epígrafe:

O mundo não é um objeto do qual possuo em meu íntimo a lei da constituição, ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A “verdade” não habita somente o “homem interior”, ou mais precisamente, não há um homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 8).

Assim, na conjuntura da progressão acadêmica, me lanço no abismo da memória tecendo os fios para constituir lugares, paisagens e presenças, muitas das quais não visíveis ou que estão muito distantes agora, como no poema “Tecendo a Manhã”, de João Cabral de Melo Neto (1994):

Um galo sozinho não tece uma manhã:  
 ele precisará sempre de outros galos.  
 De um que apanhe esse grito que ele  
 e o lance a outro; de um outro galo  
 que apanhe o grito de um galo antes  
 e o lance a outro; e de outros galos  
 que com muitos outros galos se cruzem  
 os fios de sol de seus gritos de galo,  
 para que a manhã, desde uma teia tênue,  
 se vá tecendo, entre todos os galos.  
 E se encorpando em tela, entre todos,  
 se erguendo tenda, onde entrem todos,  
 se entretendendo para todos, no toldo  
 (a manhã) que plana livre de armação.  
 A manhã, toldo de um tecido tão aéreo  
 que, tecido, se eleva por si: luz balão.

## PRESENTIFICAÇÃO

“O pensamento metafísico caracteriza-se por interpretar o ser dos entes de modo objetivado, como simples presença, nesse sentido ‘o ser’, é entendido como o invariável do ente (atemporal), uma essência, uma substância, uma definição, um conceito. Esse modo de interpretar ser, segundo Heidegger não contempla a diferença ontológica entre ser e ente, ocasionando um esquecimento do ser. Heidegger pensa ser como evento, como um acontecimento apropriador e inevitavelmente articulando as três êxtases estruturais que constituem a temporalidade do ser-aí: a êxtase do ‘ir-a-si’; a êxtase do ‘voltar a si’ e a êxtase do encontrar (*Begegnen*). O pensador utiliza-se da expressão **presentificação** (desvelamento) para expressar a condição de abertura – ser, que realiza esse tríplice alcançar do tempo no acontecimento apropriativo.”

Marcos Orestes Colpo (2013, destaques acrescentados).

Diversamente do que é usual nos memoriais acadêmicos, que se desenvolvem a partir da flecha do tempo cartesiana, indo do passado para o futuro, principio o meu texto tendo como referência um

pensamento mais complexo que envolve diversas temporalidades, a humana, linear e unidirecional, e a astronômica, cíclica (TUAN, 2011, p. 5).

O memorial é um evento, um acontecimento apropriador, que presentifica a memória como condição de abertura do ser.

Considero que a questão que direciona este Memorial não trata somente da minha produção até o momento presente, que é um requisito legal importante para a progressão funcional, mas principalmente da contribuição para o ensino, as pesquisas e as publicações futuras como professor titular.

Partindo deste princípio minha produção futura converge para uma crítica da Modernidade, não só na Arquitetura e no Urbanismo, mas como uma crise do ser-no-mundo, do ser-situado (*dasein*) e aponta para uma outra era onde o planejamento e o projeto (e as ciências como um todo, assim como a filosofia, a política e a arte) se voltam para as pessoas humanas em sua corporeidade e em sua inarredável relação com a Terra.

Atualmente o objetivo que orienta minhas atividades acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão é o de discutir a arquitetura e o urbanismo a partir de um aporte ontológico fenomenológico que ultrapasse, no sentido de dar um salto epistemológico, as questões locacional, funcional e morfológica como marcos teóricos.

A motivação principal destas pesquisas está voltada para a reaproximação da ciência com o mundo da vida, como preconizado pela fenomenologia husserliana. Neste sentido me volto para os temas não a partir de um determinado conceito a ser comprovado por meio de um trabalho empírico, mas como resultado da inserção profissional e acadêmica nas questões “prosaicas” de nosso cotidiano.

São duas pesquisas acadêmicas que pretendo que venham convergir nesse texto: 1. Dos lugares e das paisagens a partir do aporte

fenomenológico e da Geografia Humanista; 2. Do parcelamento do solo e da suburbanização, em especial da urbanização dispersa, sob a ótica de seus habitantes e, também, dos planejadores que se propõe a intervir na cidade.

Partindo desses princípios as pesquisas se referem ao ser-no-mundo e à experiência cotidiana. No entanto esses habitantes se deparam com um artefato de tecnologia complexa, que é a cidade. Nela se acumulam camadas e camadas de vestígios materiais (definidos aqui enquanto a própria Terra como “base”, “suporte físico” ou sítio) e muito mais complexas e diversificadas camadas de vestígios imateriais, de culturas, de histórias, de memórias (definidos como “mundo”). Essas camadas geram os lugares, as paisagens, os territórios e outras expressões concretas do espaço. Em um planeta Terra em que predomina o habitar urbano, a cidade passa a ser a expressão mais radical desses acúmulos de espaço e de tempo e também de problemas a serem atendidos pelos planejadores, em especial os urbanistas. Ocorre que as grandes correntes hegemônicas de pensamento do século XIX e do século XX (Positivismo/Neopositivismo e Estruturalismo/Marxismo), que subsidiam o fazer da ciência contemporânea, ou observam a parte para compor a síntese ou se referem indiretamente à materialidade das coisas, ou seja, lidam com grandes conjuntos de objetos, de modo sintético e genérico.

Assim é analisada a cidade por essas correntes, a partir do alto, de suas forças “estruturantes”, no entanto, o papel de seus habitantes é menosprezado ou subestimado, como já apontavam Lynch (1973) e Jacobs (2011) no início dos anos 1960. Nesse sentido a cidade classicamente, independente do viés teórico da análise, é vista como uma questão locacional segundo aspectos funcionais ou formais. Desse modo se refere à localização de alguns atributos funcionais a partir de sua materialidade, enquanto edificações, no espaço; ou a partir da

forma urbana imposta pelas exigências de determinadas localizações (principalmente as industriais e comerciais).

Em ambas as pesquisas questiono o primado da localização como elemento estruturador da cidade a partir do argumento de que a ausência de atributos urbanos, como comércio, serviços e lazer, deixou de ser determinante na escolha da localização residencial, que hoje é eleita muito mais pelos atributos intersubjetivos do lugar.

Esse questionamento se baseia no conceito de imaginabilidade, como proposto por Lynch (1973); no conceito de habitar a partir dos escritos de Heidegger (2012); e também na ideia de que a cidade é constituída em sua base pela mobilidade de seus habitantes, ou seja, na base ela é fluida muito mais do que estável, o que pode ser aferido fenomenologicamente a partir do ser-na-cidade como proposto, por exemplo, por Ihde (1990). Essa fluidez não se mede em décadas nem em anos, como se pode constatar na dinâmica urbana contemporânea, desse modo o planejamento urbano hoje envolve muito mais os fluxos do que os fixos como já apontava Santos (2006). Ao mesmo tempo a lugaridade e a habitabilidade estão referenciadas nos saberes tradicionais que se presentificam na arquitetura vernacular.

No momento em que este Memorial é redigido estou na convergência destas duas pesquisas, que atualmente vem sendo realizadas no âmbito do “Laboratório do Lugar e da Paisagem”, onde estão instalados dois grupos de pesquisa que coordeno: “Cidades, Processos de Urbanização e Ambiente” (anteriormente “Avaliação Pós-ocupação da Urbanização”) e “Geografia Humanista Cultural”. Os temas desta convergência são os fenômenos da paisagem e do lugar em suas estâncias e circunstâncias, (HEIDEGGER, 2012), ou concretude (NORBERG-SCHULZ, 1979), que considero fundamentais para pensar uma nova ontologia científica voltada para questões que se apresentam na contemporaneidade: o da urbanização dispersa, que

a meu ver coloca em xeque a Teoria da Localização e toda uma visão de planejamento voltada para o *Homo economicus* e para a racionalidade, seja funcionalista ou formalista; o da arquitetura vernacular, que problematiza radicalmente a concepção e a produção da arquitetura (e do urbanismo) pelos arquitetos profissionais a partir do “habitar”, da lugaridade e da habitabilidade.

São pesquisas modestas, sem financiamento, realizadas no âmbito dos Grupos de Pesquisa que coordeno, associadas a outros Grupos e professores, dialogando eventualmente com os orientados de doutorado, de mestrado, de trabalho final de graduação e, principalmente, por bolsistas de iniciação científica.

O fenômeno da urbanização dispersa vem sendo pesquisado especificamente a partir do parcelamento do solo nas áreas periurbanas do leste metropolitano do Rio de Janeiro e de sua conurbação com a denominada Região dos Lagos, área que vem atingindo taxas de crescimento anuais extremamente elevadas nos últimos 30 anos.

Fundamentada na observação desse fenômeno os conceitos essenciais de paisagem e de lugar, a partir de um aporte teórico referenciado pela Geografia Humanista Cultural e por um Urbanismo orientado pela Fenomenologia e voltado para o planejamento participativo.

Orientaram, e ainda orientam, essas pesquisas uma prática profissional e acadêmica voltada para a participação popular no planejamento urbano e para a incorporação do planejamento ambiental no cotidiano do profissional da arquitetura e do urbanismo.

O aporte teórico oferecido pela Geografia Humanista Cultural, de origem norte-americana, e pela Geografia do Espaço Vivido, de origem francesa, é a minha principal referência conceitual seja para o ensino, a pesquisa ou a extensão. Não vou me alongar aqui na sua gênese e consolidação, assunto de minha dissertação de mestrado resumidamente publicada em artigo (HOLZER, 1993) e recentemente em livro (HOLZER, 2016a).

Para discorrer rapidamente sobre este aporte vou me utilizar de alguns tópicos desenvolvidos em artigo em que reviso o coletivo da Geografia Humanista (HOLZER, 1997a).

Nesta Geografia Cultural, renovada na década de 1970, o humanismo foi tomado como parâmetro principal a partir da proposta de Tuan (1985) de se analisar as ações e produtos humanos a partir de uma visão para além da ciência cartesiana pela incorporação das humanidades em uma leitura geográfica.

As referências teóricas principais eram a Geografia Cultural de Carl Sauer e a Geografia Histórica a partir de uma nova epistemologia, como proposta por Wright, com a Geosofia (2014), em que ampliava o estudo da geografia para todas as pessoas, ou seja, para o vernacular; e por Lowenthal (1985), voltado para a percepção essencial do mundo.

Em meados da década de 1960 a “Percepção Ambiental” se conformou como um elemento unificador na renovação da geografia cultural norte-americana, abrindo o campo para estudos transdisciplinares com a arquitetura e o urbanismo, a psicologia, a antropologia e a sociologia, entre outros (HOLZER, 2016a, p. 95).

No início dos anos 1970 uma alternativa teórica para a Geografia Cultural tradicional começou a se configurar como a Geografia Humanista a partir de um aporte conceitual fenomenológico (HOLZER, 1997a, p. 11-12) com Tuan e a Topofilia (2015), fundamentado em Bachelard e em Piaget; Buttimer (1974) e os valores da Geografia fundamentados em Heidegger; e Relph (1976) e o espaço existencial fundamentado em Merleau-Ponty e em Dardel.

A partir deste momento a Geografia Humanista adotou, não importa se explicitamente ou não, um referencial fenomenológico, que orientou suas pesquisas principalmente para a renovação do conceito de paisagem (HOLZER, 1998) e pela incorporação do conceito de lugar pela geografia (HOLZER, 1999a; 2003; 2016a).

Na França, ao final da década de 1950, inicia-se um processo de recuperação da Geografia Regional em novas bases teóricas, com ênfase no estudo do Espaço Vivido e da Percepção Ambiental (HOLZER, 2004a; 2016a), onde o referencial era implicitamente fenomenológico. No entanto a contribuição de Eric Dardel (2011), ainda na década de 1950, com sua proposta de uma Geografia Fenomenológica, foi ignorada pelos franceses até o início dos anos 1990. Apesar disso a base fenomenológica na Geografia francesa, principalmente a partir da obra de Augustin Berque (HOLZER, 2004a), continua gerando importantes questões para a disciplina e as ciências em geral.

Na arquitetura e no urbanismo ocorreu um movimento semelhante tanto nos Estados Unidos quanto na Europa. O caso norte-americano é analisado por Otero-Pailos (2010), segundo o qual a fenomenologia arquitetônica se apresentou como uma nova forma de fazer história da arquitetura, apartada da historiografia tradicional, e voltada para a experiência direta e ao retorno ao seu conteúdo experiencial, baseada em uma linguagem “sensual” atemporal da experiência imediata. Nesse sentido a experiência é relacionada à história e se catalisa no “lugar”.

Ainda segundo esse autor este fundamento fenomenológico orientou as diversas concepções da arquitetura e do urbanismo colocados em contexto, que está na base do pensamento pós-modernista na disciplina, a partir de Husserl, Heidegger e Gadamer.

A contribuição da fenomenologia para o pensamento pós-moderno europeu, principalmente o italiano, voltado para a questão do espírito do lugar, é analisada em profundidade por Carvalho (2017).

Neste Memorial apresento a minha trajetória acadêmica e profissional a partir das questões que levantei em 1992, na conclusão de minha dissertação, e que me permito reproduzir abaixo:

De qualquer maneira a contribuição humanista, tanto anglo-saxônica quanto a francesa, já se consolidou fazendo parte da história da geografia contemporânea. Senão, como poderíamos estudar as categorias espaciais do lugar ou da paisagem como conceitos que tratam da espacialidade do indivíduo construída a partir da sua experiência espaço-temporal? Como poderíamos falar de uma nova ética, de uma nova ontologia para a geografia? Como poderíamos suportar e compreender as mudanças que nossa sociedade, voltada para a homogeneização e para o consumo, impõe aos indivíduos e aos grupos? Como poderíamos enfrentar uma sociedade moldada pela crença na infalibilidade da ciência e da tecnologia, ou uma coletividade baseada nos parâmetros insensíveis das grandes estruturas sociais? Estes motivos, por si só, demonstram a importância que o pensamento humanista teve, e tem, para a geografia, e a importância que poderá ter na construção de um novo mundo erguido a partir de uma nova ética das relações humanas e ambientais (HOLZER, 2016a, p. 353).

A interface que considero mais importante entre uma geografia e uma arquitetura e urbanismo de base fenomenológica é a do debate entre o espaço geométrico e o espaço geográfico, como proposto por Dardel (2011). Isso porque a arquitetura e o urbanismo, ao menos a partir do Renascimento, se refere ao projeto enquanto uma idealização, uma projeção de um espaço ideal, desenhado numa folha em branco, um espaço isotrópico. A partir dessa ideia, de qual seria o papel do arquiteto na concepção do edifício e da cidade se abre um abismo entre a edificação, digamos erudita ou acadêmica, e a construção concebida no próprio canteiro a partir de parâmetros, ou cânones, ligados às tradições populares, que perpassa todo o período da modernidade para culminar com o projeto do modernismo já no século XX.

Husserl se refere a esse movimento de afastamento entre as ciências e o mundo da vida, da matematização do acesso à realidade e da naturalização da ideia e até da consciência, que atribui inicialmente à Galileu (GOTO, 2013, p. 33-35).



Collingwood (1986, 165) observa que para Galileu a verdade da natureza consiste em fatos matemáticos, o que é real e inteligível na natureza é o que é mensurável e quantitativo. Distinções qualitativas não tem lugar na estrutura do mundo, são modificações produzidas em nós, pela ação de corpos naturais, nos órgãos dos sentidos.

Segundo esta nova concepção os espíritos formam classes de seres fora da natureza, as qualidades explicadas como aparências perante os espíritos (Galileu, Descartes, Locke). Trata-se da Doutrina das duas substâncias: espírito e matéria (COLLINGWOOD, 1986, p. 167).

As raízes desse pensamento, no entanto estão nos escritos de Platão, que separam o espiritual do material, pois até aquele momento não havia a ideia de mundo material desprovido de espírito, nem mundo espiritual sem materialidade. O filósofo considerava que a substância visível é igual à aparência, ou seja, a forma real é determinada por princípios matemáticos.

Baxhandall (1991) atribui esta mudança na visão de mundo renascentista, portanto ontológica, a uma nova orientação educacional, já no final da Idade Média, com uma organização do ensino a partir das ideias de Platão onde, na segunda etapa do ensino (dos 10 aos 12 anos por quatro anos), se estudava as proporções e as medições.

Essa nova forma de educação formal teve como base uma concepção científica da arte, e por extensão da Arquitetura e do Urbanismo, iniciada, com os escritos de Alberti (HAUSER, 1995).

A harmonia consistia em estabelecer todas as partes num tal acordo que nada pudesse ser acrescentado, retirado ou modificado sem que com ela fosse destruída a obra de arte. A obra de arte obedecia assim a sua razão de ser provida de uma beleza essencial, absoluta, eterna, universal, porque, de acordo com a razão, é reflexo da beleza divina (HAUTECOEUR, 1962, 159-160).

Na Arquitetura e no Urbanismo este paradigma foi adotado já no século XV a partir da obra de Alberti. Como observa Tafuri (1995, p. 35): “os conteúdos não são novos, mas o processo – matemático e verificável – que permite sua formalização em uma sistematização do mundo ‘colocado em imagem’”<sup>4</sup>.

Não que Alberti considerasse a tarefa do arquiteto a mesma do geômetra, como ressalta D’Agostino (2014, p. 183-184):

Certo, ao tratar da arquitetura como “matemático”, tendo a forma das coisas por medidas certas e controláveis, ângulos verdadeiros, a prescindir de toda matéria, – raciocínio *ad more geometrico* –, a *mathesis* de Alberti não se iguala, na íntegra, à atividade mental do geômetra, que concebe suas figuras exclusivamente com base em princípios de evidência e demonstrações lógicas. As formas de que fala Alberti são aquelas que o tempo e a reiteração do uso se incumbem de consolidar, umas como adequadas e cômodas, outras como indecorosas; são aquelas oriundas das instituições sociais. Mas a ênfase é clara: a depuração formal tem o propósito de subsumi-las a uma ordem geométrica, ao “modo exato de compor e coligar linhas e ângulos”. Os lineamentos, em substância, são termo, plena definição do corpo (*finitio*).

Na Geografia do Renascimento ocorreu essa mesma mudança ontológica, como no paralelo proposto por D’Agostino (2014, p. 193) entre a obra de Alberti e de Estrabão:

Em *Fatum et fortuna*, o sonho de ubiquidade do olhar e a aspiração de onisciência vêm denunciados mediante o personagem Philosophus, que, posto no cimo de um monte altíssimo, ambiciona a tudo ver. O argumento remonta, sobretudo, à Geografia de Estrabão, e, para quem confeccionou o mapa de Roma mediante coordenadas de medição tiradas no topo do

<sup>4</sup> Tradução livre de: “los contenidos no son nuevos, pero sí el proceso – matemático y verificable – que permite su formalización en una sistematización del mundo ‘puesta en imagen’”.

Monte Capitolino, é improvável que desconhecesse as palavras do geômetra e geógrafo sobre a potenciação do olhar pela respectiva arte: “nesta maneira [i.e. reconstituir pelo intelecto o conjunto a partir do que os muitos olhares têm visto] procedem os estudiosos [de geografia]: confiando nessa espécie de órgãos dos sentidos que são os diversos indivíduos que, viajando, têm visto diversos lugares, recompondo em um único esquema o aspecto do mundo habitado na sua totalidade”.

O modo de ver e de conceber o mundo geograficamente passa por uma visão de topo, uma projeção cartográfica, muito bem sintetizada por Camões (1948, p. 193) no “Lusíadas”, como no trecho a seguir:

Uniforme, perfeito, em si sostido,  
Qual enfim o Arquetipo que o criou.  
Vendo o Gama este globo, comovido  
De espanto e de desejo alí ficou.  
Diz-lhe a Deusa: “O trasunto, reduzido  
Em pequeno volume, aqui te dou  
Do mundo aos olhos teus, pera que vejas  
Por onde vas, e irás, e o que desejas.

Esse processo de matematização da natureza foi se consolidando primeiro a partir de Newton que estabeleceu a física como medida do mundo passando pelo positivismo, culminando com o neopositivismo.

Sobre o Positivismo destaco que a ideia de ordem é a sua matriz. No “Curso de Filosofia Positiva”, Comte (1978) sugere que as ciências formam um todo fechado onde as ciências abstratas preponderam sobre as concretas, pois estas últimas, com suas pesquisas minuciosas, fazem perder de vista a unidade geral. Por outro lado, as ciências abstratas deveriam ser reduzidas a formulários e a algumas generalidades.

Châtelet (1981, p. 216), resume muito bem os fundamentos do Positivismo comtiano:

A ordem é concebida de maneira rígida e coisificada, como o encaixamento de peças em um mecanismo. Estamos longe da ordem cartesiana como lei de atividade intelectual. A ideia de ordem está ligada à ideia de hierarquia como sistema de subordinação rígida da parte ao todo, do inferior ao superior, do processo ao resultado, e isso dá a chave da famosa divisa: pelo progresso à ordem. Pouco a pouco Comte deriva da ideia de ordem “natural”, cara ao século XVIII, para a ideia de ordem como tipo abstrato de pensamento especulativo, ou pior, como modelo coisista imposto de fora para dentro.

Como resultado, ainda segundo Châtelet (1981, p. 221, 223), a ciência é vista como um saber acabado sob a forma de resultados e de receitas. Deste modo deviam ser estabelecidas fronteiras, com pontos de passagem obrigatórios, de modo a controlar os intercâmbios entre as ciências. A partir de uma ontologia baseada no consenso da evidência, se compartimenta a ciência em múltiplas especialidades.

Com o Neopositivismo, do Círculo de Viena, a matematização do mundo chega à linguagem:

Somente com a moderna lógica simbólica (“lógica”) conseguiu-se obter a exigida precisão nas definições conceituais e nos enunciados, bem como formalizar o processo intuitivo de inferência do pensamento comum, isto é, conduzi-lo a uma forma rigorosa e controlada automaticamente pelo mecanismo simbólico. As investigações da teoria da constituição mostram que os conceitos das vivências e qualidades autopsíquicas pertencem às camadas mais baixas do sistema de constituição. Sobre elas descansam os objetos físicos. A partir destes constituem-se os objetos heteropsíquicos e enfim os objetos das ciências sociais. O enquadramento dos conceitos dos diferentes ramos científicos no sistema de constituição já é hoje, em seus grandes traços, reconhecível, mas resta ainda muito

a ser feito para que seja levado a efeito com maior exatidão. Com a demonstração da possibilidade e a exibição da forma do sistema completo dos conceitos, tornar-se-á simultaneamente reconhecível a referência de todos os enunciados ao dado e, com isso, a forma estrutural da ciência unificada. Nesta descrição científica, apenas a estrutura (forma de ordenação) dos objetos pode ser incluída, não sua “essência”. O que une os homens na linguagem são as fórmulas estruturais; nelas se apresenta o conteúdo do conhecimento comum dos homens. As qualidades vivenciadas subjetivamente – a vermelhidão, o prazer – são, como tais, apenas vivências, e não conhecimentos (HAHN; NEURATH; CARNAP, 1986, p. 12-13).

Para os teóricos do Círculo de Viena a realidade nada mais é do que a totalidade das proposições, ou seja, a própria linguagem, havendo completa identidade entre ambas, ou seja, a linguagem identifica-se com o fato físico. Daí Neurath propor uma ciência unificada, não a partir do trabalho conjunto das diferentes especialidades, mas a partir da utilização da mesma linguagem (lógica e semiótica). A linguagem é matematicamente convertida em linguagem de protocolos, os enunciados passam a ser digitais.

Na Arquitetura e no Urbanismo, e também na Geografia, os procedimentos de projeção e de interação com o mundo são, cada vez mais, intermediados por essa matematização da natureza, culminando com a utilização das ferramentas informacionais, que descolam o mundo vivido deste espaço abstrato em que as formas e as funções, são determinadas por algoritmos.

No início do século XIX se apresentou um outro projeto científico, o do Romantismo, a partir das

reflexões filosóficas e científicas do século XVIII [que] foram fortemente impregnadas pelo sentimento de *Naturphilosophie*. Em primeiro lugar, haveria nesse sentimento uma expectativa de explicação global da natureza. Por meio dele, pôde-se entender desde a relação entre fenômenos físicos, químicos, biológicos,

etc., como elementos necessariamente interconectados numa explicação do mundo – um *kósmos*, até uma compreensão dessa totalidade como, digamos, resultado de uma unidade que ressoaria em domínios interligados – ciência, moral, estética (VITTE, 2011, p. 72).

O mesmo autor observa que nesse mesmo período houve uma forte crítica à concepção newtoniana-cartesiana de matéria resultando em uma

profunda reforma na filosofia natural [a partir da] correlação entre a sensibilidade, a imaginação e a estética, que irão redefinir os experimentos e a mensuração, uma vez que, a partir das influências da filosofia da natureza de Schelling, a natureza foi entendida por meio de uma visão orgânica e pelo vitalismo (VITTE, 2011, p. 73).

Humboldt é o exemplo mais notório desta preocupação com uma “restauração total das ciências”, com a tarefa de integrar todos os conhecimentos, ou de introduzir uma unidade às tarefas humanas, de estudar a influência do físico sobre o humano, de integrar o estudo da natureza física com o estudo da natureza moral.

Esta nova proposta ontológica pode ser avaliada a partir das palavras do próprio Humboldt (apud MEYER-ABICH, 1969, p. 45):

[...] colecionarei plantas e animais fósseis e poderei realizar observações astronômicas com instrumentos excelentes, decomporei o ar quimicamente. [...] Mas, tudo isso não se constitui na finalidade principal da viagem. Meus olhos devem estar permanentemente à ação conjunta das forças, à influência da criação inanimada sobre o mundo animado dos animais e das plantas, a esta harmonia [...].

No entanto, o projeto romântico de ciência foi suplantado pelo modelo mais afastado do mundo da vida como proposto por Comte

e o Positivismo, ou pelo Círculo de Viena, e o Neopositivismo. Esse projeto foi retomado pela fenomenologia husserliana.

Dardel (2011, p. 78) delimita bem estas diferenças ontológicas:

Geografia “das velas desfraldadas”, expressão de Lucien Febvre. Ela se opõe, numa formulação bem sucedida, à “geografia de gabinete” ou de laboratório [geografia científica], aquela dos cientistas trabalhando em documentos, cartas, fotografias, estatísticas, relatórios de viagens.

O autor vê nos “descobrimientos” europeus, iniciados no século XV, um caminho diverso ao trilhado por Galileu para se fazer ciência, o mesmo que Humboldt, seguira no início do século XIX:

Pode se falar aqui de uma **poética** do descobrimento geográfico, no sentido de que foi a realização de uma visão que abarcava a totalidade do mundo e de que foi uma criação, criação de espaço, abertura para o mundo de uma extensão do homem, ímpeto de um porvir e fundação de uma nova relação entre o homem e a Terra (DARDEL, 2011, p. 79, destaques no original).

Kehlmann (2007), numa linguagem literária, explora muito bem essas diferenças ao confrontar o pensamento de Gauss, matemático da ciência abstrata e que se atém à folha de papel e de Humboldt, com sua meta de medir, coletar e classificar em campo.

Dardel (2011, p. 2) explicita essas diferenças ontológicas ao diferenciar o espaço geométrico do espaço geográfico: o primeiro homogêneo, uniforme e neutro; o segundo feito de espaços diferenciados.

Em um único parágrafo essas diferenças são claramente delimitadas:

A geometria opera sobre um espaço abstrato, vazio de todo conteúdo, disponível para todas as combinações. O espaço geográfico tem um horizonte, uma modelagem, cor, densidade.

Ele é sólido, líquido ou aéreo, largo ou estreito: ele limita e ele resiste (DARDEL, 2011, p. 2).

Esta questão está na origem dos debates sobre a adequação da Arquitetura e do Urbanismo entre os arquitetos e urbanistas modernistas e pós-modernistas e que será discutida mais adiante. No entanto ela delimita um marco importante para as discussões que proponho no ensino, pesquisa e extensão: a de que a Arquitetura e o Urbanismo contemporâneos devem estar atentos às questões do mundo da vida e de que seus métodos projetuais devem ser orientados pela geograficidade e não pela espacialidade.

A espacialidade está relacionada com o espaço geométrico, este que pode ser “produzido” a partir de um espaço isotrópico, enquanto que a geograficidade definida como “uma relação concreta [que] liga o homem à Terra [...] como modo de sua existência e de seu destino” (DARDEL, 2011, p. 1-2). Esta última pode se apresentar como o modo essencial de aproximar a Arquitetura e o Urbanismo do mundo da vida.

De fato, a Arquitetura e o Urbanismo operam a partir do projeto, com a transposição de um mundo ideado e, portanto, relativo à espacialidade do espaço geométrico, para a construção de um artefato a ser implantado em um sítio determinado e que, uma vez habitado, expressa a sua geograficidade.

O fundamento fenomenológico para essa afirmação pode ser encontrado na frase seguinte de Heidegger (2012, p. 134): “Não só a relação entre o lugar e o espaço como também o relacionamento entre o lugar e o homem que nele se demora residem na essência dessas coisas assumidas como lugares”. Heidegger pensa nessa ligação principalmente a partir da linguagem, os arquitetos e urbanistas a partir do traço de seu desenho, que torna o espaço abstrato no espaço

vivido do ser-aí, do corpo e do lugar, do corpo-lugar. Não que essa tarefa seja exclusiva desses profissionais. Definitivamente não é! Se para Wright (2014), todos somos geógrafos porque a Geografia está em nossas cabeças, o mesmo nos diz Lynch (1973) sobre a cidade e a arquitetura, produto das infinitas imaginabilidades que estão em nossas mentes, e que tornam todas as pessoas arquitetos e urbanistas a partir das intervenções vernáculas nos artefatos em que habitamos.

## CONEXÕES

A Resolução que orienta a elaboração deste memorial determina que sejam explicitadas “as conexões entre as atividades de ensino, pesquisa, extensão e outras” realizadas pelo autor.

Seguirei um caminho proposto por Bachelard: o de explorar e de reavivar estas conexões a partir da **casa**. São muitas casas em que habito, algumas na sua concretude de casa onde passo meus dias de trabalho ou os fins de semana, outras em que habito nas memórias de meu passado e, finalmente as que eu habito na linguagem, esta que é o fundamento do construir e do habitar que nos torna humanos, como nos ensina Heidegger (2012).

Iniciarei a explorar estas conexões pelas “outras atividades”, tendo como parâmetro o nascimento a partir de Heidegger (2005, p. 374, destaques no original):

O Dasein fático existe nascencialmente, e nascencialmente ele também morre no sentido do ser-para-a-morte. Ambos os “fins” e seu “entre” **são** apenas enquanto o Dasein existe facticamente, e **são** da única maneira como isto é possível: na base do ser do Dasein como **cuidado**. Na unidade do estar lançado e do ser para morte, fugaz ou antecipador, nascimento e morte conectam-se

segundo a maneira do Dasein. Enquanto cuidado, o Dasein é o “entre”.

## AS CASAS DA INFÂNCIA

“É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “atirado ao mundo”, como o professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço. Uma metafísica concreta não pode deixar de lado esse fato, esse simples fato, na medida em que esse fato é um valor, um grande valor ao qual voltamos em nossos devaneios. O ser é imediatamente um valor. A vida começa bem; começa fechada, protegida, agasalhada no seio da casa.”

Gaston Bachelard (2008)

São muitas as minhas casas da infância: a da minha bisavó, a da minha avó, as alugadas que morei com meu pai e minha mãe e meus irmãos, as em que morei só com minha mãe e irmãos, as ruas Rockefeller e Thomaz Cameron, no Valparaíso, a Praça da Liberdade, a avenida XV de novembro, Petrópolis... os livros, o mundo, as paisagens... as viagens na imaginação e em um Citroën 11 *légere*.

Sempre viajamos muito, ainda que por lugares próximos, o escapismo das paisagens nos finais de semana e a segurança do lugar no cotidiano e nas férias, sempre com os primos e irmãos, na casa de minha avó materna.

Macaé, a praia de Imbetiba, a fonte luminosa, o mar de ressaca. Paisagens desertas: lagoa de Imboassica e os trilhos de trem abandonados, as restingas de Mar do Norte e de Costa Azul, a mata atlântica sombreando a praia da Joana em Rio das Ostras, o Colégio Macaé e a cartilha de alfabetização em francês.

Niterói, a praia de Icaraí, a avenida Amaral Peixoto, vida em apartamentos, o oito circular, o Liceu Nilo Peçanha.

Sim, estas casas são o fundamento da minha formação. Há toda uma argumentação conceitual e filosófica que aponta para a conexão entre esses devaneios infantis e toda a minha produção acadêmica:

Hans-Georg Gadamer, em “Verdade e Método”, mostra que compreender é sempre um processo que se dá no entremeio entre passado e presente, projetando o existente humano; um processo que abarca num único horizonte a tradição e a situação na qual se encontra aquele que compreende, na tensão que se dá entre sua pertença a essa tradição e o que foi dito (a fala da tradição na objetividade de sua distância). É nesse sentido em que se fala de **ser histórico**, quer dizer, o existente humano que é sempre seu passado e o passado que se conserva enquanto tradição, e que é também projeto, o se fazer, fazendo história. Mas ‘passado’ aqui não se compreende como algo dado, estagnado; ao contrário, as experiências passadas e a tradição são atuantes no existente humano em cada situação em que ele se encontra na vida, mantendo, assim, uma relação significativa com seu projeto, seu futuro (ZABEU, 2014, p. 100, destaques no original).

A conexão fundamental entre estas casas da infância e minha vida acadêmica está nos livros, na música e na pintura. Nasci e cresci cercado por eles.

Meu avô paterno era professor de pintura. Suíço, adepto do romantismo, capturava a paisagem nas suas telas a partir do próprio sítio. Ao mesmo tempo fazia estudos rigorosos desenhados a partir dos diversos livros de arte que iam do Renascimento ao Classicismo. Poliglota, falava, e lia, ao menos sete idiomas, mas achava que no Brasil era suficiente falar o português. Casas pequenas, alugadas, livros e quadros tomavam todo o ambiente. Era também um ser errático, andarilho. Minha avó, prussiana, mantinha e sustentava a casa, entre as revistas de costura e a programação da rádio MEC.

Meu pai seguiu os passos do meu avô, pintor e violinista precoce, trabalhou no início dos anos 1950 com a interpretação e restituição de fotografias aéreas. No ano em que nasci prestou concurso para professor de desenho geométrico, função que exerceu, em escolas municipais, estaduais e particulares até a sua aposentadoria aos 70 anos. Nas casas em que moramos estive na companhia dos quadros a óleo, sempre um em execução no cavalete, e dos livros e da música. Meu pai continua cercado de quadros, de livros e de discos. Todos os dias pinta, toca violino, lê e ouve música (apenas música clássica, como sempre). Sempre leu de tudo, com preferência por obras da antiguidade clássica, do romantismo (Goethe em primeiro lugar, como comprova o meu nome), filosofia, sempre inspirado em Nietzsche, e a psicologia freudiana. Pintor, preferencialmente de óleo sobre tela, apesar de dominar várias técnicas, restaurador de quadros e arquiteto de interiores.

Meu avô materno, netos de portugueses, nascido em Pedro do Rio, estudou e trabalhou duro para se graduar em Contabilidade, foi funcionário concursado da prefeitura de Petrópolis por toda a vida, além de comerciante, digamos bem arrojado, teve por muito tempo, em anexos da casa, uma fábrica de ladrilhos hidráulicos, um moinho de milho industrial e um pequeno comércio em que vendia de materiais de construção a gêneros alimentícios. Também tinha suas habilidades artísticas, era músico, tocava piano, violão e clarineta, de “ouvido”, compunha e gostava de escrever versos que eram publicados no jornal de Cascatinha, que era de sua família. Teve a primeira televisão preto e branco e também a primeira colorida do bairro. Quando comprou o moinho em São Paulo também trouxe um projetor novo de 16 mm. Exibia filmes para a criançada do bairro na fábrica de ladrilhos. Minha avó sempre foi a alma da casa, construída quando se casaram, atendendo a todos com presteza, mas conduzida pela educação

luterana, herança recebida da família que está entre as fundadoras de Petrópolis.

Minha mãe, já falecida, também era professora, especializada em educação pré-escolar, foi diretora de Jardins de Infância em Petrópolis, onde nasci, e em Macaé, onde vivemos, eu e meus quatro irmãos, por um curto período entre 1969 e 1971, quando se separou de meu pai. Fez o curso normal, no colégio Santa Isabel em Petrópolis. Era licenciada em trabalhos manuais e em história, por um certo período foi diretora da Cinemateca do Estado do Rio de Janeiro. Estava sempre em dia com a vanguarda dos acontecimentos.

Peço perdão pela longa descrição, mas acho que meus antepassados são diretamente responsáveis pelo meu percurso acadêmico sempre na busca das raízes dos aportes e dos conceitos que utilizo em minhas pesquisas, ou seja, orientado pela tradição, no sentido proposto por Gadamer, e, ao mesmo tempo, orientado pela construção de uma sociedade em que não haja separação entre o homem e o ambiente.

Essas casas, independentemente do tempo em que as habitei, são lugares e estão inseridas na onipresença das paisagens, as edificações conformadas pelo espaço geográfico e pelos constrangimentos que ele impõe. A da minha bisavó materna, onde morei quando pequeno, um lindo chalé alto da rua e com um quintal que subia o morro. A da minha avó materna, onde passávamos as férias, com seu quintal generoso, campo de muitas brincadeiras. As duas muito próximas, cerca de 300 metros e um dobrar de esquina, povoam meus sonhos de infância.

Sou o que sou a partir desta tradição, me lancei no mundo, ainda que sem saber, orientado por ela. Sou-no-mundo não apenas como indivíduo, mas como resultado das minhas experiências e das que outros compartilharam comigo. Meu mundo vivido é compartilhado e compartilha passado, vive presente e projeta futuro.

Deixo os devaneios de lado para pensar como cheguei a Arquitetura e Urbanismo. Em Niterói morei em apartamentos alugados em Icaraí e no Centro, só fui morar em uma casa, no Pé Pequeno, quando já estava na Universidade. Minha casa de 1971 a 1977 foi o Liceu Nilo Peçanha, na época a escola pública mais tradicional de Niterói, ali estudei, fiz amigos, tive bons professores e fui estimulado a pensar transdisciplinariamente.

Ao rever as minhas motivações para ingressar na graduação em Arquitetura e Urbanismo, e tinha que ser em urbanismo também, pois queria ser urbanista, me dei conta de que minhas escolhas foram direcionadas por uma reforma de ensino: a Lei Federal 5.692/71, que instituiu a divisão entre o 1º grau e o 2º grau de ensino, sendo o segundo obrigatoriamente profissionalizante. Fui alcançado pela reforma em 1975, tive que escolher um curso profissionalizante. No Liceu vários eram oferecidos e, como não queria ir para outra instituição, me detive nas opções que ali haviam. Minha primeira opção seria Técnico em Turismo, mas desisti por um motivo familiar, minha irmã, com quem dividira sala e livros durante quatro anos, pois havia sido reprovado no primeiro ano ginasial, também escolhera Turismo, fui então para o técnico em Desenho de Arquitetura.

Me agradaram, logo no início, as disciplinas de Desenho de Arquitetura. Três anos depois, quando decidi prestar o vestibular, ainda estava na dúvida se parava de estudar e me tornava um técnico – supostamente o que queria o governo Médici quando promulgou a dita lei.

Meu pai não valorizava o curso superior. Entendi, muitos anos depois, que o motivo era filosófico: repudiava o ensino tecnicista e acreditava, e lecionava, a partir de uma perspectiva humanista. Minha mãe queria que seus filhos tivessem curso superior, mas nunca interferiu em nossas opções.

Estava, portanto, livre, e desamparado, com relação as minhas escolhas: fazer curso superior ou não?

Já trabalhava como desenhista de arquitetura, isso me motivou a me qualificar mais. No entanto coloquei várias opções na mesa: Geografia era a primeira, sempre gostara da disciplina, muito por influência de Júlio Verne e de Karl May, mas a perspectiva de ter como única opção provável ser professor me fez desistir. Fiquei entre Arquitetura e Urbanismo e Cinema. Coloquei as duas como opção no vestibular unificado do CESGRANRIO. Só poderia ingressar em universidade pública, não tinha como pagar uma privada, cravei a Universidade Federal Fluminense em primeiro, não porque situada em Niterói, onde morava, mas porque era a única com **Arquitetura e Urbanismo**. Fui aprovado. Cumprido o rito de passagem da infância (e adolescência) para a idade adulta. Ficam para trás as casas da infância, presentificadas nas memórias e nas ações de nosso cotidiano.

### CASARÕES E OS TEMPOS DAS GRADUAÇÕES

"Mas nossa vida adulta é tão despojada dos primeiros bens, as ligações antropocósmicas se encontram tão desguarnecidas, que não sentimos seu primeiro vínculo no universo da casa. Filósofos não faltam que "mundificam" abstratamente, que encontram um universo pelo jogo, dialético do eu e do não-eu. Eles conhecem precisamente o universo antes da casa, o horizonte antes da pousada. Ao contrário, os verdadeiros pontos de partida da imagem, se os estudarmos fenomenologicamente, poderão dizer-nos concretamente quais são os valores do espaço habitado, o não-eu que protege o eu."

Gaston Bachelard (1957)

Ingressei no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense no primeiro semestre de 1978. Não era o que eu esperava!

Compreendi muito depois, já como professor deste curso, que ele se enquadrava, em princípio, como um curso politécnico, em oposição aos que foram criados no ambiente das escolas de belas artes do classicismo. Em princípio porque o currículo tinha metade de sua carga horária voltada para as disciplinas técnicas: cálculos, geometrias, desenho técnico, físicas, estatística, cálculos estruturais, resistência dos materiais, instalações. Por outro porque o urbanismo, formalmente, se restringia a um único projeto.

Esperava um curso mais voltado para as artes e para o projeto, ainda que não prescindisse de uma boa base das ciências ditas exatas (os meios). Como para muitos outros colegas, o básico (dois primeiros anos de um curso com quatro anos e meio) foi extremamente difícil. Praticamente não tínhamos disciplinas com arquitetos e o índice de reprovação era altíssimo, e isso era considerado como bom! No meu caso o recorde em repetência foi em Cálculo Integral e Diferencial I, que cursei sete vezes. Não desisti.

Compensavam as poucas disciplinas de história da arte, plástica e, principalmente, a de teoria da percepção, lecionada pelo arquiteto Levi Menezes que me apontou o caminho a seguir.

Nós, os estudantes de arquitetura da UFF, éramos seres ambulantes, correndo entre os muitos prédios, dos muitos institutos que ofereciam disciplinas para nós. A casa da arquitetura eram dois galpões, já demolidos, fronteiros à rua Passo da Pátria, implantados nos Jardins do Casarão e do Chalé, prédios construídos pela empresa de telégrafos inglesa e que agora pertenciam à Escola de Engenharia da UFF, a qual estava subordinado o Curso de Arquitetura.

Meu momento de maior desencanto ocorreu em algum momento entre o segundo e o terceiro período quando Niemeyer deu palestra para os estudantes da Arquitetura. O respeitado arquiteto falou, e desenhou, sua concepção sobre a arquitetura e sobre a profissão



de arquiteto. Concluí que não queria projetar nada daquilo. Espaços indiferenciados, voltados para atender estritamente a determinadas funções, para um homem funcional, uma máquina a ser desenhada e produzida em série.

No meio do curso, muito por conta da falta de espaços e pela mobilização dos alunos e dos professores, nos apropriamos do Casarão e do Chalé, desde então eles são a **casa** da Arquitetura e Urbanismo na UFF. Minha casa como estudante e, logo depois, como professor do curso.

Fui um aluno de projeto mediano, ainda que, sem falsa modéstia, criativo e bem embasado teoricamente. Por outro lado, fui um bom aluno nas disciplinas de teoria e de planejamento. Mais do que isso, sempre estive voltado para o saber fazer popular em arquitetura e para as soluções do que chamávamos de arquitetura alternativa e hoje podemos chamar, ainda que inadequadamente, de arquitetura sustentável. Fui premiado pelo BNH, junto com um grupo de alunos da disciplina de Projeto IV (Habitação Popular), com um projeto, diria teórico/prático, intitulado “Conforto Ambiental em Habitações de Baixa Renda”, orientado pelas professoras Maria Elisa Canedo e Regina Bienenstein. Meu Trabalho Final de Graduação, orientado pelo professor Glauco Bienenstein, por uma questão conjuntural (o Colegiado do Curso decidiu que o TFG só poderia ser projeto de arquitetura), teve como tema uma residência para uma família com filhos casados e netos, estrutura de madeira e paredes em taipa-de-mão, com ele concluí o curso no primeiro semestre de 1984.

Recentemente, ao ler Otero-Pailos (2010), concluí que o curso de Arquitetura e Urbanismo da UFF, por motivos que ainda não foram pesquisados, estava muito próximo ao que acontecia em alguns cursos de arquitetura nos EUA, voltado para a Pós-Modernidade e com base conceitual fenomenológica. Tinha como orientação uma proposta

“culturalista”, principalmente por parte dos professores de teoria, mas também por alguns de Projeto, como Ferdinando de Moura Rodrigues (Projeto V – Urbano), na busca por referências teóricas na Percepção Ambiental e na Fenomenologia, com autores que até hoje são indicados em nosso curso: Kevin Lynch, Jane Jacobs, Robert Venturi, Christopher Alexander, Bruno Zevi, entre outros. Era um curso de vanguarda, onde o projeto exigia ser concebido como lugar. Apesar de ser professor de teoria Carlos Nelson Ferreira dos Santos, com suas elaborações teóricas próprias, contribuía muito para que essa concepção fosse atraente entre os alunos. Em sua disciplina optativa “Organizações e Métodos do Trabalho Intelectual” tomei contato como grandes aportes filosóficos do século XX e seus rebatimentos na Teoria do Urbanismo e da Arquitetura. Por intermédio de suas aulas tomei contato mais estreito com a Fenomenologia e conheci a obra de Tuan.

O curso, a partir do ingresso de muitos professores com outras matrizes, muitos deles voltados para uma nostalgia pelo moderno, vem perdendo esta marca que o diferencia. Acredito que este é um assunto que deve ser retomado e revisto a partir da experiência dos professores mais antigos que se encaminham para o topo da carreira.

Em 1982, indeciso sobre minha vocação para a arquitetura e o urbanismo, por conta de uma reprovação em Projeto Urbano, resolvi fazer vestibular para Comunicação Social, habilitação Cinema, cursei o primeiro semestre e tranquei, retomando após a conclusão do primeiro curso. Levei o curso com dificuldades em meio ao início do casamento, as atividades profissionais e políticas e do mestrado. Consegui concluir em 1990 e, se a conjuntura não permitiu que seguisse a profissão de cineasta, posso dizer que aproveitei, e tenho aproveitado, o que o cinema pode oferecer para a compreensão de que arquitetura e o urbanismo antes de ser uma expressão da técnica é uma expressão da arte.

**FORA DE CASA – FUNDÃO E A GEOGRAFIA HUMANISTA**

“A curiosidade geográfica é, para ser exato, focalizada de modo mais limitado do que a curiosidade humana; também é mais consciente, ordenada, objetiva, consistente, universal e teórica do que as questões comuns acerca da natureza das coisas. Entretanto, assim como a geografia, o universo mais amplo do discurso se centraliza no conhecimento e ideias sobre o homem e o meio; qualquer um que examine o mundo em torno de si, de algum modo é um geógrafo.”

David Lowenthal (1985)

Ingressei no Mestrado em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1986. Meu Projeto de Pesquisa pretendia fazer um estudo de caso sobre a lagoa de Itaipu e seu entorno, em Niterói, a partir do Planejamento Ambiental e Participativo.

Encontrei-me em meio a um debate, o da Geografia Teórica *versus* a Geografia Crítica, que considerava superado. Na disciplina obrigatória de Teoria da Geografia fui apresentado, pela professora Berta Becker, a outra alternativa: a Geografia Humanística, a partir do livro “Perspectivas da Geografia” de Antônio Christofolletti (1985), lá estavam textos seminais de Lowenthal, Tuan e Buttimer. Abriu-se um horizonte teórico muito próximo, apesar de na época não saber porque, ao “culturalismo” dos teóricos a que fora apresentado no curso de arquitetura, como Lynch, por exemplo.

Por outro lado, não tinha nenhuma proximidade com os temas abordados pelos professores do Programa nem com as disciplinas oferecidas. Resolvi cursar as que tivessem como tema questões urbanas; “Geografia Política”, com Maurício Abreu, “Organização Interna das Cidades”, com Roberto Lobato Correa, entre outras. Também fui buscar subsídios em outros Programas: “Economia Política da Urbanização”, com Maria Bárbara Levi, na História da UFF e “Antropologia Urbana”, com Gilberto Velho, na Antropologia da UFRJ.

As disciplinas serviram, principalmente, para mostrar os caminhos que não deveria seguir. Passei cerca de três anos sem orientador, pesquisando em diversas bibliotecas tudo o que se relacionava com a Geografia Cultural renovada e com a Geografia Humanística (como era chamada).

Quando Maurício Abreu assumiu a Coordenação do Programa me chamou e ofereceu orientação. Uma bela parceria. Foi um orientador criterioso, rigoroso nos aspectos teóricos, e generoso ao ouvir argumentos e a compartilhar textos que não estavam, naquele momento, em seu campo de interesse.

Até a qualificação, da qual participaram Cláudio Egler e Maria do Carmo Galvão, insisti em fazer o meu estudo de caso. Fui demovido pela professora Maria do Carmo Galvão, que me colocou diante da perspectiva de escrever uma dissertação voltada para a epistemologia da geografia. E nem Geógrafo eu era!

Ainda tive a oportunidade de cursar disciplinas com Milton Santos (“Sociedade e Natureza”), e Livia de Oliveira (“Percepção e Cognição Ambiental”), que foram oferecidas no próprio Mestrado em Geografia da UFRJ.

Foi um processo demorado, que iniciando pela pesquisa das obras seminais da Geografia Humanista nas décadas de 1960 e 1970, recuou para textos clássicos de Sauer, avançou para as discussões contemporâneas da Geografia Cultural e Humanista Anglo Saxônica, descobriu a Geografia do Espaço Vivido Francesa e se encantou com a Geografia Fenomenológica de Eric Dardel.

Em 1992 finalmente defendi a dissertação “A Geografia Humanista – sua trajetória de 1950 a 1990”, recentemente publicada como livro (HOLZER, 2016a). Os frutos desta pesquisa estão sendo colhidos até hoje.

## UM MUNDO DISTANTE – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO E A GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA

“O conhecimento geográfico tem como objeto explicitar estes signos, isto que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino. Isto não é, primeiramente, um atlas aberto diante de seus olhos, é um apelo que vem do solo, da onda ou da floresta, uma chance ou uma recusa, um poder, uma presença.”

Eric Dardel (2011)

Em 1994, já como professor do Departamento de Urbanismo da UFF, surgiu a oportunidade de me afastar para fazer doutorado, com bolsa da CAPES. Já havia montado um projeto, que hoje considero extremamente ambicioso, de pesquisar como os europeus haviam implantado suas paisagens e seus lugares no Brasil do século XVI até o século XIX. Um projeto com alguns paralelismos com o Brasil dos Viajantes, da arquiteta Ana Maria Belluzzo, professora da USP, do qual não tinha conhecimento.

Tinha um problema: queria trabalhar com um referencial exclusivamente fenomenológico e pretendia fazer a tese em algum Programa de Geografia, o número de orientadores disponíveis era pequeno. Como não queria ir para o exterior optei pela USP e fui acolhido pelo professor Armando Corrêa da Silva.

Diversamente do mestrado, o projeto e o sumário apresentado por ocasião da seleção foi estritamente seguido: se referia à paisagem e ao lugar no Brasil no século XVI, contendo um capítulo teórico que discutia o uso do aporte fenomenológico; duas resenhas sobre o estado da arte, na geografia humanista cultural, das pesquisas sobre paisagem e sobre lugar; um capítulo sobre os nativos, um sobre os viajantes e o último sobre os ocupantes, ou seja, os administradores e senhores de engenho portugueses que efetivamente modificaram

a paisagem e criaram seus lugares naquele país distante – faço uma referência aqui a “*The Past is a Foreign Country*”, de Lowenthal (1985), que foi importante para a delimitação do meu objeto de pesquisa.

A tese (HOLZER, 1998) foi defendida em 1998, abrindo novas possibilidades de pesquisa que acabaram convergindo para a criação do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural e para a linha de pesquisa sobre a paisagem e a arquitetura vernaculares.

## NITERÓI E MARICÁ – TRABALHO, AMBIENTALISMO, POLÍTICA

“Para apresentar um caso *prima facie* de que a fenomenologia constitutiva pode ser empregada com relação ao ambiente, argumentou-se acima que o ambiente é antes de tudo parte do mundo cultural – isto é, composto de objetos que não apenas possuem fundamento naturalista, que é vital ou orgânico, mas também são valorizados e desejados na vida humana pré-teórica. Quando a política atual é considerada [...], é preciso admitir que as questões ambientais ainda não são centrais, mas o fato de terem se tornado periféricamente proeminentes em várias disciplinas sofisticadas, e também na vida cotidiana, após apenas quarenta anos do movimento ambiental pode reduzir o pessimismo de alguns.”<sup>5</sup>

Lester Embree (2003)

Me sinto obrigado a abrir um parêntese no relato sobre a minha vida acadêmica, seja como aluno de graduação, de pós-graduação ou professor, para falar de minha atuação fora da Universidade.

<sup>5</sup> Tradução livre de: “*In order to make a prima facie case that constitutive phenomenology can be employed with respect to the environment, it has been contended above that the environment is first of all part of the cultural world – that is, made up of objects that not only have a naturalistic foundation that is vital or organic, but are also valued and willed in pretheoretical human life. When current politics is considered [...], it has to be admitted that environmental issues are not yet central, but the fact that they have become prominently peripheral in various sophisticated disciplines and also in everyday life after merely forty years of the environmental movement can reduce one’s pessimism*”.

É necessário porque a resolução que regulamenta a progressão para Professor Titular recomenda “Uma análise crítica de sua inserção e contribuição com o desenvolvimento da sociedade em geral, via as suas ações extensionistas [...]” (UFF, 2015, p. 22).

Desde que ingressei na Universidade Pública não vejo as ações de extensão como um retorno apenas do que pesquisamos e publicamos para efeitos acadêmicos, mas como um retorno à sociedade da formação que recebemos gratuitamente. Essa inserção na sociedade é necessariamente política, ainda que não partidária.

Como já disse comecei a trabalhar antes mesmo de ingressar na Universidade, como desenhista de arquitetura autônomo. No terceiro período da faculdade, em 1979, tive a oportunidade de iniciar um estágio em um pequeno escritório de um engenheiro civil onde fiquei até 1983, quando sai para realizar o meu Trabalho Final de Graduação. Neste escritório fiz de tudo: projetos de arquitetura, de instalações, e até estruturais; acompanhei as obras dos prédios que projetei; detalhei esquadrias, coberturas, paginações de piso, entre outros; recebi clientes, elaborei programas e propus partidos arquitetônicos, e elaborei um número considerável de cronogramas físico-financeiros e orçamentos detalhados.

Voltei a trabalhar para este escritório depois de formado, no difícil período entre 1984 a 1987, a chamada década perdida, quando sonhava ser arquiteto autônomo e montar escritório. A crise não permitiu. Durante este período fiz trabalhos esporádicos e continuei eventualmente a fazê-los, apenas para amigos, depois que ingressei como professor universitário.

Preciso mencionar o fato de que comecei a namorar uma secundarista em 1979, fizemos vestibular juntos em 1981, eu para a minha segunda graduação, ela para geografia, nos casamos em 1984, tivemos nosso primeiro filho em 1989, antes de ingressar como

professor na Universidade, a segunda em 2000. Continuamos juntos. Selma já está aposentada, depois de 25 anos no magistério do ensino fundamental e médio. Dentre as muitas coisas que temos em comum está a paixão pela Geografia e pela política não partidária. Atuamos em Organizações não governamentais desde 1979.

Iniciei meu percurso como ambientalista em 1979 no Movimento de Resistência Ecológica – MORE, de Niterói, que tinha como principal bandeira de luta a despoluição da baía de Guanabara. Nele atuei até a fundação do Diretório Municipal do Partido Verde em Niterói, partido que ajudei a fundar e que deixei em meados dos anos de 1990, depois de concorrer a vice-prefeito de Niterói, em chapa com Godofredo Pinto, numa coligação PT, PV, PSB. Nunca mais participei de política partidária.

Contribuí ativamente para a elaboração da Lei Municipal 659/87 (NITERÓI, 1987), que modificou a legislação urbana de Niterói, dando assessoria às associações de moradores. Neste momento atuava pelo MORE e também pelo IAB – Núcleo Niterói, onde ingressei ainda estudante, em 1982, como diretor de urbanismo. Fui presidente do Núcleo por dois mandatos, em fins da década de 1980 e início dos anos 1990. Também fui inspetor eleito do CREA – Niterói no início dos anos 1990. Em 1988, representando o IAB – Niterói fui o relator do capítulo de meio ambiente da Lei Orgânica de Niterói (NITERÓI, 2010). Assumi esta relatoria por indicação do Comitê de Defesa de Niterói, já extinto, que congregava o IAB, CREA, OAB, MORE, Associação Fluminense de Engenheiros e Arquitetos – AFEA, Associação Niteroiense de Deficientes Físicos – ANDEF e Associações de Moradores.

Em 1989 fui convidado pelo prefeito eleito de Niterói, Jorge Roberto Silveira, para ocupar o cargo de Superintendente de Meio Ambiente, subordinado à Secretaria de Urbanismo, dirigida pelo arquiteto João Sampaio. Deixei o cargo no início de 1990, após aprovação no

concurso para professor dedicação exclusiva da UFF. Durante este período destaco a delimitação de Áreas de Proteção Permanente, na Serra da Tiririca, que mais tarde se tornaria Parque Estadual a partir de proposta redigida pela ONG Movimento de Cidadania Ecológica, da qual participava ativamente, por iniciativa do Deputado Estadual Carlos Minc. Destaco, também, a lei de adoção de praças e a elaboração de um projeto de arborização urbana para o município, que anos mais tarde se tornou lei.

Fui residir em Maricá em 1995. Desde o início atuei, junto com colegas, para que fosse criado um Posto de Atendimento do CREA no município, no que logramos êxito. Fui, junto com dois colegas, o primeiro Inspetor eleito do CREA – Maricá. Por motivos de trabalho mais tarde me afastei do CREA e passei a atuar para a criação de um Comitê de Bacias exclusivo para Maricá, não tendo sucesso. Desde de 1996 participo da ONG Movimento Pró-Restinga, atualmente como Presidente, com o objetivo de preservar a Área de Proteção Ambiental Estadual de Maricá e a bicentenária comunidade dos pescadores do Zacarias, ameaçados por um projeto de condomínio de uma empresa espanhola.

Em 2018 retornei para Niterói, mas continuo participando de Conselhos e atuando em seminários e outros eventos como representante de ONGs.

#### DE VOLTA AO CASARÃO – PROFESSOR DE PROJETO URBANO E OUTROS

“Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas.  
Pessoas transformam o mundo.”

Paulo Freire (1987)

Em 1989, estimulado por meu ex-professor de projeto urbano Ferdinando de Moura Rodrigues, me inscrevi no concurso para

professor auxiliar dedicação exclusiva na área de Projeto Urbano do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense. Fui aprovado e assumi minhas funções em 29 de dezembro do mesmo ano. Acho importante observar que eram muitos os candidatos deste concurso, mas eu me enquadrava bem ao perfil desejado, uma vez que a prova escrita versava sobre a questão ambiental e a prova didática sobre percepção ambiental. Minha atuação no MORE e na Superintendência de Meio Ambiente foram importantes e o Mestrado em Geografia fundamental. Até hoje atuo na graduação e na pós-graduação a partir da interface entre urbanismo, arquitetura e meio ambiente.

Iniciei as atividades docentes no primeiro semestre de 1990, com as disciplinas “Projeto V (Urbano)” e “Projeto VI (Paisagismo)”, totalizando uma carga horária em sala de aula de 18 horas semanais. Neste currículo, o mesmo que havia cursado, este era o único projeto urbano do curso. O departamento era pequeno e tive que atender à solicitação para, além da disciplina para a qual havia prestado concurso, assumir, devido ao meu perfil, a disciplina de Projeto de Paisagismo. Esta última era ministrada também pelo professor Jorge Crichyno, com quem compartilho pesquisas até hoje.

Quando terminei meu mestrado, em 1992, fui convidado pelo Departamento de Geografia da UFF a oferecer uma disciplina que teria como tema a Geografia Humanista. Optei por oferecê-la no departamento em que estava lotado como optativa para os cursos de arquitetura e urbanismo e geografia. Esta disciplina, intitulada “Paisagem e Lugar”, sempre teve um caráter experimental e vem sendo oferecida segundo as demandas do Departamento. Seu programa serviu de base para a disciplina “Fundamentos da Paisagem e do Ambiente” do Programa em Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU/UFF. Desde 2016, quando retornei do Pós-

doutorado na Unicamp, seu conteúdo trata do problema da Arquitetura e do Urbanismo como Arte a partir da exibição de um filme de ficção por aula (15 filmes) e a leitura de um texto por aula, que devem ser comparados e apresentados como um trabalho na forma de texto, fotografia, pintura, vídeo, performance, e outras expressões artísticas.

Entre 1994 e 1998 fiquei afastado em função do doutorado. Quando retornei, no segundo semestre de 1998, estava sendo implanto o novo currículo, agora com três projetos urbanos e três teorias do urbanismo, além de teoria do paisagismo, que foi separada da carga horária prática de projeto de paisagismo. Por instâncias do Departamento de Urbanismo, agora desmembrado do Departamento de Arquitetura, fiquei responsável por elaborar os programas de “Projeto de Urbanismo III” (escala da Cidade), “Teoria do Urbanismo III” (Utopias urbanas e urbanismo do século XIX aos dias atuais), e “Teoria do Paisagismo” (este baseado numa proposta que havia apresentado anos antes num Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo do Brasil), esta lecionei também no segundo semestre de 2003 por determinação do Departamento.

Fui professor de “Projeto de Urbanismo III” do segundo semestre de 1998 até o segundo semestre de 2016. Esta disciplina sempre serviu como uma interlocução com minhas pesquisas, principalmente as que tem como tema a suburbanização, simulando projetos na escala da cidade em diversas áreas de projeto e objetivando uma integração efetiva entre ensino, pesquisa e extensão.

Lecionei a disciplina de “Teoria de Urbanismo III”, do segundo semestre de 1998 até o segundo semestre de 2005 (com pequena interrupção em 2/2003 e 1/2004). Quando assumi a Coordenação do Curso de Arquitetura e Urbanismo tive que diminuir minha carga em sala de aula e deixei a disciplina. Além da interlocução com “Projeto de Urbanismo III” (Os alunos de projeto sempre foram instados a escolher um “patrono” urbanista a partir do qual elaboravam as diretrizes para

o seu projeto) o seu conteúdo serviu de base, e foi alimentado, pelos aportes teóricos utilizados em minhas pesquisas.

Lecionei também, no segundo semestre de 2000, “Expressão no Urbanismo”, por motivo de afastamento de professor e, em outras oportunidades, as optativas “Estudos Comparativos em Cidades Norte Americanas e Brasileiras” e “Seminário Avançado”. A primeira considero importante, pois nossa teoria e história do urbanismo está voltada para exemplos europeus. A segunda integra alunos da graduação com a Pós-Graduação com oferecimento de vagas nas disciplinas oferecidas para o mestrado e doutorado.

Desde o primeiro semestre de 2017 sou responsável por uma turma de Planejamento Urbano e Regional, disciplina teórico-prática, onde examino as teorias do planejamento, a partir de Von Thünen e Chrystaller até o Planejamento Ambiental, e aplico exercício prático voltado para o Zoneamento Ecológico-Econômico de um grupo de municípios ou uma bacia hidrográfica situada em área metropolitana.

#### **PRAIA VERMELHA E ARREDORES – PROFESSOR EM PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO**

“A Fenomenologia não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possui comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não “habita” apenas o “homem interior”, ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, e é no mundo que ele se conhece.”

Maurice Merleau-Ponty (2006)

Minha atuação como professor em Programas de Pós-graduação teve início no segundo semestre de 2000, a partir de um convite

para ministrar a disciplina de “Teoria da Paisagem” no Mestrado em Geografia da UFF (Criado no primeiro semestre de 1999), situado no Campus da Praia Vermelha, em Niterói. Ofereci a disciplina, também no segundo semestre de 2001. O programa da disciplina foi elaborado a partir de “Paisagem e Lugar” e de “Teoria do Paisagismo” que eu já havia lecionado na graduação em arquitetura e urbanismo da UFF. Em todas as disciplinas que já ofereci em Programas de Pós-Graduação o aporte fenomenológico, via Arquitetura e Urbanismo, Geografia, e outras disciplinas, orienta a elaboração dos programas.

No primeiro semestre de 2002, a partir de um convite, após participar de uma banca, fui credenciado no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte, do Instituto de Artes e Comunicação Social da UFF. Havia uma demanda para a disciplina “Imagem e Criação”, que lecionei no primeiro semestre de 2002, segundo de 2004 e primeiro de 2006. Nesta disciplina tratava da criação de imagens a partir do referencial fenomenológico. Ofereci também, seminários especiais abordando temas específicos: “Expressões do Espaço e Arte” (2/2002), tendo como base a obra de Merleau-Ponty, principalmente “Fenomenologia da Percepção” e seus textos sobre arte e cinema; “Filosofia e Produção da Imagem” (1/2005), onde, partindo da obra de Nietzsche, elaboramos um argumento e um roteiro de cinema e fizemos um vídeo experimental; “Cinema, Paisagem e Lugar” (2/2006), onde os conceitos de paisagem e de lugar eram discutidos a partir de exibição de filmes (esta foi a base para o formato atual da disciplina “Paisagem e Lugar”, optativa para graduação na UFF. Por quatro semestres (2/2003, 1/2004, 2/2005, 1/2007) lecionei a disciplina obrigatória “Geração e Comunicação do Conhecimento”, no formato seminário de dissertação, onde era oferecido um panorama epistemológico e ontológico das grandes discussões filosóficas do final do século XIX e do século XX. Em 2007 solicitei descredenciamento do Programa devido ao excesso de carga

horária que tinha em sala de aula e a problemática distribuição de produção entre dois Programas de Pós-Graduação.

No segundo semestre de 1998, quando retornei do Doutorado, fui integrado à Comissão responsável pelo estudo de implantação dos cursos de mestrado e doutorado em Arquitetura e Urbanismo da UFF. O trabalho da Comissão foi demorado, mas, finalmente, em 2003, o Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da UFF foi reconhecido pela CAPES. As disciplinas foram oferecidas pela primeira vez no segundo semestre de 2003. Já neste semestre lecionei “Fundamentos da Paisagem e do Ambiente” que venho oferecendo até o momento (14 turmas até o primeiro semestre de 2018). Esta disciplina faz um percurso histórico sobre os conceitos de paisagem e ambiente de seu surgimento até os dias atuais. Neste mesmo semestre lecionei, juntamente com o professor Glauco Bienenstein, a disciplina “Espaço e Paisagem na Metrópole Globalizada”, num programa elaborado a duas mãos, que tratava do processo de globalização desde o início do século XVI, sob a minha responsabilidade, e de Metropolização, a partir do século XIX, sob a responsabilidade do professor Glauco (particpei desta disciplina em 2/2006 e 01/2007).

Por demanda dos alunos elaborei o programa de uma disciplina de tópicos especiais intitulada “Percepção do Ambiente e Cidade”, oferecida oito vezes, e que foi substituída pela disciplina “Ambiente e Cidade” (1/2015, 2/2016, 2/2017, 2/2018) após a implantação do doutorado. Os conteúdos são diversos. A primeira fazia uma panorâmica dos estudos sobre percepção ambiental, especificamente na arquitetura e urbanismo e geografia; a segunda faz uma reflexão sobre o urbanismo e a questão ambiental a partir de um referencial fenomenológico.

Além destas ofereci a disciplina de “Infraestrutura Urbana”, no primeiro semestre de 2004, e “Seminário de Dissertação”, no segundo

semestre de 2010. Nesta última utilizei como base o programa da disciplina “Geração e Comunicação do Conhecimento” que havia lecionado no PPGCiarte com o mesmo objetivo.

### SALA 562 – LABORATÓRIO DO LUGAR E DA PAISAGEM

“O pesquisador estará, aliás, tanto mais consciente do caráter significativo do objeto quanto menos desvendada ainda estiver essa significação; o objeto se propõe a ele como um enigma, isto é, como uma questão dirigida ao autor ausente que deixou sobre sua obra o vestígio de uma intenção desaparecida: o que quis ele fazer? O que quis ele dizer?”

André Dartigues (1992)

Até hoje a Escola de Arquitetura e Urbanismo padece da falta de gabinetes de trabalho para seus professores. Não era diferente em 1990 quando ingressei como professor. Nesta época a escola estava restrita as salas disponíveis nos prédios do Casarão e do Chalé. Havia cerca de três gabinetes de trabalho compartilhados por alguns professores. Fui convidado a ocupar uma mesa numa sala do segundo andar do Casarão, ali, além de guardar os projetos entregues pelos alunos, preparava as minhas aulas, e de modo pouco sistemático fazia minhas pesquisas. Como estava muito envolvido com as questões urbanas e ambientais de Niterói, seja pela minha atuação em ONGs e na Prefeitura Municipal, seja pelo projeto inicial de minha dissertação de mestrado, associei o ensino das disciplinas de Projeto que ministrava à pesquisa sobre o processo de participação popular nas políticas urbanas. A pesquisa foi oficializada no Departamento de Arquitetura e Urbanismo com o título de “Plano Diretor e Movimentos Sociais em Niterói”, e mesmo sem nenhum auxílio institucional, gerou algumas publicações. Por outro lado, de modo individual, continuei minhas

pesquisas sobre a Geografia Humanista Cultural, sobre as quais falarei mais adiante.

De 1994 a 1998 me dediquei inteiramente as pesquisas relativas ao tema da minha Tese que resultaram em algumas publicações ligadas diretamente ao tema em anos posteriores (HOLZER, 2000; 2001a; 2010a; 2010b).

Quando retornei do doutorado reiniciei minhas pesquisas, ainda que sem conseguir apoio institucional, investigando o processo de urbanização na periferia metropolitana e seu impacto ambiental. A disciplina de “Projeto Urbano III” apoiava a pesquisa de campo assim como a simulação de propostas e na aplicação e desenvolvimento de teorias.

Em um primeiro momento as pesquisas se voltaram para o impacto do parcelamento do solo na Região Oceânica de Niterói, que se iniciou na década de 1950 e se consolidou na década de 1990. Em um segundo momento foi incluído o município vizinho de Maricá, com parcelamentos iniciados também na década de 1950, mas com uma urbanização pouco consolidada na década de 1990, o que propiciava um estudo comparativo dos processos de parcelamento e de ocupação do solo.

Essas diretrizes passaram a ser sistematizadas como pesquisa por volta do ano 2000, se consolidando com o Grupo de Pesquisa “Avaliação Pós-Ocupação da Urbanização” em 2003, por ocasião da implantação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFF. De 1998 a 2004 a temática da pesquisa se referia ao impacto do parcelamento do solo sobre a paisagem, e sobre a constituição de novos lugares, utilizando áreas de preservação ambiental como marcadores (HOLZER; CRICHYNO, 2000; PIRES; CRICHYNO; HOLZER, 2003; HOLZER; CRICHYNO; PIRES, 2003; HOLZER; CRICHYNO; PIRES, 2004a; HOLZER; CRICHYNO; PIRES, 2004b).



A pesquisa, e os textos citados acima, se dedicava ao problema da urbanização em áreas litorâneas, especificamente as que envolviam o ecossistema da restinga, situadas nos anéis periféricos externos da porção leste da região metropolitana do Rio de Janeiro, onde está situada a Universidade Federal Fluminense. O que se pretendia avaliar era o seu potencial paisagístico, a partir dos conjuntos de vegetação, visando apontar medidas de conservação, de recuperação e de parcelamento, a partir do planejamento urbano e ambiental, que viabilizasse a conservação das características naturais da paisagem e a busca de um equilíbrio entre a urbanização e os espaços livres de edificação.

Após seis anos de pesquisa estava se delineando um novo horizonte:

A proposta temática principal já aponta para possíveis desdobramentos deste trabalho, ampliando-o para um quadro urbano mais geral, a partir da avaliação dos conjuntos vegetacionais de restinga e medidas de conservação e planejamento que permitam estabelecer parâmetros de análise comparativa, orientando novos padrões de ocupação ordenada dos ecossistemas de restinga, relacionando-os com a gestão auto-sustentável da urbanização em áreas litorâneas (HOLZER; CRICHYNO; PIRES, 2004a, 64).

Em 2005 optamos por investigar instrumentos que pudessem tornar efetivo esse planejamento urbano e ambiental e de investigar formas de parcelamento do solo que tivessem menos impacto sobre a paisagem. Esse foi o próximo passo da pesquisa: voltar-se para a aplicação dos instrumentos de intervenção urbana pelos municípios circunscritos pela área de estudo e avaliar o seu impacto nos modelos de parcelamento do solo e sobre a paisagem (HOLZER; CRICHYNO; ANTONIO, 2005a; HOLZER; CRICHYNO; ANTONIO, 2005b).

Um dos resultados dessa pesquisa foi a de constatar que os instrumentos tradicionais de intervenção urbana (afastamentos,

taxas de ocupação, gabaritos, entre outros) estavam vinculados a dois grandes modelos de urbanização, que denominamos de culturalista e de progressista a partir de Choay (2005). Ambos impõem sérias limitações para a aplicação dos novos instrumentos previstos no então recente “Estatuto da Cidade”, o que propiciou a busca de outros modelos mais adequados a um planejamento urbano voltado para a preservação da paisagem em novos parcelamentos ou outras intervenções urbanas que, em sua maioria, ocorrem onde há estoque de terras disponível, ou seja, nas periferias das metrópoles.

O modelo que apresentamos como alternativa foi o proposto por Portzamparc (1997) para um urbanismo da “terceira era da cidade”, baseado na quadra aberta que superaria alguns dos problemas apresentados pelos modelos anteriores.

Naquele momento nossa área de estudo se remetia à escala regional, abrangendo a chamada Região dos Lagos (oficialmente Região das Baixadas Litorâneas), composta pelos municípios de Maricá, Saquarema, Araruama, Iguaba Grande, São Pedro da Aldeia, Arraial do Cabo e Cabo Frio. Com o auxílio de bolsistas de iniciação científica pesquisamos a dinâmica recente do parcelamento do solo, para constatar que nessa mancha urbana difusa, que ultrapassava a área de estudo, se estendendo de Niterói a Macaé, a dispersão urbana e um processo de urbanização difusa enfraquecia os centros tradicionais das cidades e propiciava a implantação de uma diversidade de soluções para o parcelamento do solo.

A conclusão foi a de que não tratava mais do processo clássico de *Urban Sprawl*, ou seja, a observação de campo não deveria ser pautada nas teorias que se remetem a um processo de suburbanização clássico. Essas novas conformações eram visíveis quando se deixava de lado a observação do regional e se penetrava no intra-urbano, com um novo e complexo processo de parcelamento e de urbanização em

que conviviam condomínios fechados; condomínios fechados rurais; privatização de ruas; privatização de bairros; remembramento de lotes com posterior desmembramento para a construção de unidades unifamiliares; verticalização, ainda que moderada; dispersão do comércio e dos serviços, principalmente ao longo dos eixos estruturais.

Essas modalidades de parcelamento, ao se distribuírem por eixos preferenciais para a ocupação, nesse caso rodovias e a faixa litorânea ou lacustre, desde o início de sua implantação ainda na década de 1950, gerou o esgarçamento da malha urbana, com centros urbanos tradicionais de baixa densidade e com baixa atratividade para o comércio e os serviços, com tipologias de urbanas interrompendo e, ao mesmo tempo, interpenetrando as áreas rurais e as florestadas, avançando, inclusive sobre as de proteção ambiental.

Estas observações me conduziram a direcionar a pesquisa para o fenômeno da “urbanização dispersa”, após participar como ouvinte do “I Seminário Internacional Urbanização Dispersa e Mudanças no Tecido Urbano”, na Universidade de São Paulo, em 2006.

O primeiro momento dessa nova etapa da pesquisa, seguindo a proposição de Reis Filho (2006, p. 40-46), foi de observar o fenômeno da urbanização dispersa na escala microrregional, o que resultou na constatação de que haviam muitas analogias entre a região estudada e o Vale do Paraíba Paulista pesquisado por Reis Filho (2006, p. 80-81), ou seja, os principais fatores da dispersão são os eixos rodoviários, até porque a dispersão se acentua na medida em que são implementadas melhorias na malha rodoviária. No entanto, diversamente do que ocorreu em São Paulo onde, segundo Reis Filho (2006), houve um esforço estatal para implementar parques industriais que geraram a dispersão, no Rio de Janeiro foram os incorporadores imobiliários, voltados para o lançamento de residências de veraneio, que estimularam o processo de dispersão. Foi feito um esforço, então, para

observar as conformações da morfologia urbana da área de estudo (HOLZER; CRICHYNO; BAHIENSE; REYNALDO, 2007a; HOLZER; COYUNJI; CAMPOS, 2008).

A conclusão foi de que o município de Maricá, situado na franja externa do leste metropolitano era um objeto privilegiado de análise devido à sua dinâmica de crescimento populacional, uma das maiores do estado do Rio de Janeiro, e ao número e área expressiva de novos parcelamentos colocados no mercado anualmente. A partir desse momento a pesquisa se voltou para a observação do espaço intra-urbano desse município (HOLZER; CRICHYNO; BAHIENSE; REYNALDO, 2007b; 2007c).

A partir de entrevistas realizadas com moradores do município com faixas de renda, idade e procedência variada foi constatado que as motivações locais dos moradores de Maricá podiam ser bem diversas das dos moradores do vale do Paraíba paulista, com critérios bem mais subjetivos para a aquisição do lote como as qualidades da paisagem e a tranquilidade do local (HOLZER; SANTOS, 2014).

Em 2014 fui obrigado a abrir mão de solicitar bolsa de iniciação científica para auxiliar na pesquisa. As regras mudaram e só podia solicitar um bolsista, optei pela outra pesquisa que exige mais trabalho de campo, deste modo se encerrou um ciclo iniciado em 2002 quando o Projeto foi contemplado pela primeira vez. De modo positivo houve uma renovação dos pesquisadores, com a colaboração bastante expressiva da professora Eloisa Carvalho, e mudança do nome e nas linhas de pesquisa do Grupo, agora denominado “Cidades, Processos de Urbanização e Ambiente”. A pesquisa, nas linhas em que atuo, se voltou para o aprofundamento nas questões relativas às novas configurações urbanas propiciadas por essa urbanização dispersa (como a da cidade estrada), no processo de “rurbanização” e, aspecto mais importante, a constituição dos lugares e das paisagens por seus habitantes (ARAÚJO; HOLZER, 2016; HOLZER, 2016b).

Atualmente, no âmbito deste Grupo, realizamos uma pesquisa internacional, intitulada “Formas de crescimento e sustentabilidade na habitação latino-americana: Estudo comparativo das periferias de Bogotá – Buenos Aires – Niterói”, envolvendo a Universidade de Buenos Aires e a Universidade Antônio Nariño, de Bogotá, que tem o objetivo de aferir a aplicabilidade dos indicadores de sustentabilidade, propostos por Salvador Rueda para Barcelona, nas áreas urbanas da América Latina. Resultados iniciais foram apresentados no “X Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo Barcelona – Córdoba” (GIGLIO; PUENTES; HOLZER, 2018).

Minha pesquisa no campo da Geografia Humanista Cultural se iniciou em 1986, portanto antes de meu ingresso como professor do Departamento de Urbanismo da UFF. O tema da minha dissertação de mestrado me acompanhou na minha vida cotidiana e orientou investigações em outros campos.

No curso de Comunicação Social – Cinema da UFF, em meu Trabalho Final de Graduação, ensaiei uma aproximação entre a Geografia Humanista e o Cinema, a partir da paisagem (foi publicado anos mais tarde quando era professor no PPGCiarte – HOLZER, 2004b).

O professor Roberto Lobato Corrêa, que participou de minha banca de mestrado, foi um grande incentivador para que publicasse e continuasse escrevendo, assim me vi inserido, ainda que de modo informal, no Grupo Espaço e Cultura, tendo sido convidado a participar em diversos eventos o que gerou pesquisa sobre alguns autores e temas, da paisagem e do lugar, fundamentais para o coletivo humanista da qual muitos resultados foram publicados (HOLZER, 1996a<sup>6</sup>, 1999b; 2000; 2001a; 2004a; 2005; 2008a). O curto período em que estive no Mestrado em Geografia da UFF, também motivou o aprofundamento

nas pesquisas sobre a paisagem e outros conceitos geográficos que foram publicados nos periódicos “GEOgraphia”, da UFF (HOLZER, 2003), e “Território”, da UFRJ (HOLZER, 1997b; 1999a).

Do mesmo modo, no período em que estive no Mestrado em Ciência da Arte, pude aprofundar minhas pesquisas sobre a relação entre Arte e Ciência, que iniciara em 1996 (HOLZER, 1996a) e que pude sistematizar em outro texto (HOLZER, 2004c).

Em 2003/2004 tive a oportunidade de trabalhar, como consultor, no projeto “Inventário de bens culturais imóveis: desenvolvimento territorial dos caminhos singulares do estado do Rio de Janeiro: sal”, uma parceria do SEBRAE, com o INEPAC e a UNESCO (SEBRAE, 2004). Terminado o trabalho continuei a pesquisa, que tinha como tema os aldeamentos salineiros da Araruama, em parceria com a arquiteta Vera Alcântara, que havia liderado a equipe de campo (HOLZER; ALCÂNTARA, 2008). A pesquisa teve continuidade, sendo aprovada no Departamento de Urbanismo e no PPGCiarte, como um projeto na área de arte, subárea de fotografia, seu objetivo: fazer o registro fotográfico de paisagens e da arquitetura vernacular. Em 2007 obtive uma bolsa de iniciação científica para esta pesquisa, com o projeto “Registro de imagens da paisagem vernacular: entorno do Parque Estadual da Serra do Papagaio, Aiuruoca, – MG”, o bolsista, João Paulo da Silva Bastos (2/2007 a 1/2009), atualmente é meu orientando de doutorado. Esta pesquisa tem continuidade até hoje, sempre com o auxílio de um bolsista de iniciação científica. Foram pesquisadas várias áreas: os aldeamentos salineiros da Araruama (HOLZER, 2014b); o entorno de Oriximiná, onde a UFF tem um Campus avançado (2/2009 e 1/2010); aldeamentos de pescadores no Leste Fluminense (2/2010 e 1/2012) (HOLZER, 2012); e, desde o segundo semestre de 2012, a arquitetura de taipa dos imigrantes suíços de Nova Friburgo (HOLZER, 2014a; HOLZER; DAMASCENO; FAJARDO; CARVALHO, 2014; HOLZER; FOLLY, 2018).

6 Republicado na Edição Comemorativa 1993-2008 da revista “Espaço e Cultura” (HOLZER, 2008b).

A pesquisa também propiciou um convite para parceria, com o professor Günter Weimer, na produção de textos para um livro (BARRETO; WEIMER; MEDEIROS; HOLZER, 2010).

Em 2006 fui convidado pela professora Yoshiya Nakagawara Ferreira, da Universidade Estadual de Londrina, a participar do “Simpósio Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente”, onde apresentei trabalho sobre a questão dos lugares e não lugares (HOLZER, 2006). Foi o momento de reencontro com a professora Lívia de Oliveira e de estreitar os laços de pesquisa com Eduardo Marandola Jr., então estudante da pós-graduação, e a professora Lúcia Gratão. Como resultado em 2008 foi criado o “Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural”, liderado por mim e pela professora Lívia de Oliveira. Desde então as pesquisas que realizo no campo da Geografia Humanista Cultural estão voltadas para as linhas: “Epistemologia e Metodologia da Geografia Humanista Cultural”; “Geografia e Arte”; “Paisagem e Experiência” (HOLZER, 2010c; 2013; 2014c; 2017). As pesquisas, já citadas, sobre paisagem e arquitetura vernacular estão na linha de pesquisa “Paisagem e Experiência”.

O Grupo de Pesquisa, enquanto coletivo, vem fazendo um esforço de tradução de textos para o qual tenho contribuído. A atividade de tradução é pouco valorizada pela nossa academia, a Resolução que orienta este Memorial, por exemplo, não prevê a pontuação para artigos traduzidos, mas temos um excelente retorno com o que foi traduzido, principalmente o livro de Eric Dardel (2011), intitulado “O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica”. Na bibliografia coloquei em separado os artigos que traduzi.

Há também um esforço de publicação de livros. O primeiro traçando uma panorâmica ampla sobre o conceito de “lugar”, do qual fui um dos organizadores (MARANDOLA JR.; HOLZER; OLIVEIRA, 2012),

sendo um dos capítulos de minha autoria, versando sobre os conceitos de Mundo e Lugar (HOLZER, 2012a).

Finalmente a publicação do periódico “Geograficidade”, desde 2011, publicado pelo GHUM com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFF, e que vem sendo bem avaliado no Qualis Capes (B2 para Geografia, Filosofia e Interdisciplinar, B3 para Arquitetura e Urbanismo e Psicologia no período 2012-2016).

Há um diálogo constante destas pesquisas com o ensino na graduação e na pós-graduação e também na orientação de Trabalhos Finais de Graduação, de Mestrado e de Doutorado.

#### DO DIÁLOGO E DO DIALÓGICO – ORIENTAÇÕES

“Não tenho ensinamentos a transmitir. Apenas aponto algo, indico algo na realidade, algo não visto ou escassamente avistado. Tomo quem me ouve pela mão e o encaminho à janela. Escancaro-a e aponto para fora. Não tenho ensinamento algum, mas conduzo um diálogo.”

Martin Buber (2003)

Desde que ingressei como professor na Universidade Federal Fluminense me dei conta de que esta carreira nos proporciona uma oportunidade ímpar, a do diálogo como proposto por Buber (2003, p. 4):

Não há eu-em-si, mas apenas o Eu da palavra-princípio Eu-Tu e o Eu da palavra-princípio Eu-Isso. Quando o homem diz Eu, ele quer dizer um dos dois. O Eu ao qual ele se refere está presente quando ele diz Eu. Do mesmo modo quando ele profere Tu ou Isso, o Eu de uma ou outra palavra-princípio está presente. Ser Eu, ou proferir a palavra-princípio Eu são uma só ou a mesma coisa. Aquele que profere uma palavra-princípio penetra nela e aí permanece.

Os momentos mais propícios para o diálogo são em sala de aula e, de modo mais profundo, nas orientações. São momentos de trocas não só de conhecimento técnico ou científico, mas principalmente de experiências a partir de nossa vida cotidiana. Não vejo outro modo de se fazer Ciência.

Sempre estive aberto a orientar tanto os temas que pesquiso quanto temas que nunca pensei em pesquisar. No processo dialógico de orientação se abrem todos os dias novos mundos a serem pesquisados e relacionados com o que já conhecemos e experimentamos.

São 79 orientações de Trabalho final de Graduação (as primeiras de 1991), das quais tenho as comprovações da metade. Como sou professor de Projeto Urbano sempre me agradou orientar projetos de arquitetura (30), um deles foi menção honrosa no concurso “Opera Prima” de 1993 (Adriane Russo Campos Nascimento. Unidade de Produção de Leite da Fazenda Escola da UFF em Cachoeira de Macacu – RJ). Destaco também dois recentes que foram produtos da pesquisa sobre arquitetura vernacular em Nova Friburgo: Alessandra Villar Damasceno (Bolsista IC CNPq), “Centro experimental de Arquitetura Vernacular – Lumiar, Nova Friburgo – RJ”, de 2016 e Camila Cardoso Lopes, “Centro de memória de Lumiar e feira agroecológica Alumiar”, de 2017.

Orientei também os de interface entre arquitetura e o urbano (Terminal Rodoviário, Marina, Aeroporto, Estádio de Futebol, Condomínio Rural, Estação Intermodal, Shopping Center, entre outros).

Trabalhos teóricos, poucos, pois por muitos anos não havia esta possibilidade no curso de arquitetura da UFF (9), destaco os trabalhos de Rubens Moreira Rodrigues de Carvalho, “Reflexos da Arquitetura e do Ambiente sobre um Espelho”, de 2005, premiado no “Concurso Arquiteto do Amanhã”, que teve como tema a sustentabilidade

urbana (Rubens foi meu orientado de Mestrado e de Doutorado), e de Ciro Lima Najar, “Um olhar fenomenológico sobre o corpo: desenhar e projetar universalizando o acesso à cidade”, de 2017.

Me tornei uma referência no curso na orientação de trabalhos voltados para a mobilidade e transporte urbano (15) dos quais vários foram premiados no concurso de Monografias do CBTU: Ricardo Camata Marques Pinto, “Organização do Espaço Urbano Através do Transporte: Baía de Guanabara”, de 2006; Marcus César Martins da Cruz, “Ensaio para a Reestruturação da Paisagem do Corredor Ferroviário Suburbano”, de 2007 (premiado, também, internacionalmente na FURS 2008 – *Essay Competition da Foundation for Urban and Regional Studies*); Leandro Couto de Almeida, “Sistema de Transporte de Passageiros para a Integração e Desenvolvimento Urbano e Social de Campinas – SP”, de 2010.

O restante na área de Projeto Urbano e de Planejamento Urbano e Regional, a maior parte deles voltados para a interface ambiental e a questão da sustentabilidade.

Minhas primeiras orientações de mestrado foram no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte da UFF. Entre 2004 e 2009 foram 12 dissertações defendidas por médico, psicólogo, artistas plásticos, cineastas, músicos e produtores culturais, um aprendizado no trabalho transdisciplinar e na utilização do aporte teórico fenomenológico. Destaco a dissertação de Anita Fizon, “O Barro Cultural nas Construções das Casas de Taipa e como Pigmento Pictórico nas Obras de Arte”, que trata da paisagem e arquitetura vernacular em Lumiar, Nova Friburgo, que inspirou a pesquisa que venho fazendo atualmente na mesma área.

No Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFF, já são 20 dissertações orientadas defendidas, dentre estas duas de ex-monitores da disciplina de Projeto Urbano: Rubens Moreira R.

de Carvillho: “As Diferentes Margens da Cidade: palco do embate entre ambiente e sociedade tendo o bairro de Piratininga (Niterói/RJ) como unidade”, de 2009 (também a de doutorado defendida em 2017, “Cittaslow e o devir da cidade-lenta: da fenomenologia arquitetônica ao lugar do urbanismo ecológico”) e de Bruno Teixeira de Sá, “Colônia Juliano Moreira: um estudo de paisagem e de patrimônio cultural”, de 2011; e de ex-bolsista de iniciação científica, Camila Quevedo dos Santos, “Lugaridade nos espaços públicos das cidades em expansão: o caso de Maricá – RJ”, de 2018. Um certo número destes orientandos com graduação em Geografia (3), Direito, Turismo e Cenografia.

O Doutorado no PPGAU/UFF ainda é recente (2013). Até o momento tive quatro teses defendidas, sendo a de Pierre Crapez, arquiteto e professor do Instituto de Artes e Comunicação Social da UFF, a primeira do Programa (2016). Atualmente oriento quatro teses de doutorado.

Desde o segundo semestre de 2002 venho orientando bolsistas de iniciação científica, seja com bolsa do CNPq ou da própria UFF. É a única modalidade de financiamento para pesquisa que utilizo. De 2002 a 2013, tive bolsistas envolvidos com projetos de pesquisa sobre urbanização na periferia urbana, como já relatado em item anterior, publiquei artigos ou trabalhos em anais de eventos com todos esses bolsistas. Do segundo semestre de 2007 até os dias atuais, tenho bolsistas de Iniciação Científica, também com bolsa CNPq ou UFF, na pesquisa sobre paisagens e arquitetura vernacular, destaco a atuação de João Paulo da Silva Bastos (atualmente orientando de doutorado), selecionado para a segunda fase do prêmio “Vasconcellos Torres”, em 2008, (para bolsistas de iniciação científica da UFF) e minha orientanda atual, Viviane de Azevedo Folly, contemplada com o segundo lugar na mesma premiação em 2018. Atualmente tenho uma orientanda de iniciação científica, Elisa Resende Scarpe, com bolsa da FAPERJ. Esta bolsista participa da pesquisa internacional já citada acima.

Durante o período em que fui Diretor da Escola de Arquitetura e Urbanismo, orientei um bolsista de Arquivologia, Heitor Fajardo Carvalho, responsável pela Organização do Acervo da Escola de Arquitetura e Urbanismo (2016). Este bolsista também foi premiado na semana acadêmica da UFF de 2016.

## EPÍLOGO

“Todo questionar é um buscar. Toda busca retira do que se busca a sua direção prévia. Questionar é buscar cientemente o ente naquilo que ele é como ele é. A busca ciente pode transformar-se em “investigação” se o que se questiona for determinado de maneira libertadora.”

Martin Heidegger (2005)

Para muitos colegas a progressão para titular é o coroamento da carreira e também o momento de se afastar dela pela aposentadoria. Para mim se trata de uma oportunidade de fazer um balanço da minha contribuição acadêmica, perseverar na pesquisa de novos temas, fazer novos questionamentos, dar saltos epistemológicos.

Neste contexto minha perspectiva de trabalho com o coletivo do “Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural” são de continuar e aprofundar as pesquisas em um campo que acredito ser inovador e renovador.

Na minha carreira como professor universitário, sempre me preocupei em associar o ensino, seja na graduação ou na pós-graduação, com a pesquisa e com a extensão, em áreas que considero negligenciadas e que apontam para questões científicas, mas principalmente, existenciais e políticas, fundamentais para a constituição de um mundo mais solidário e humano. A Arquitetura, o Urbanismo e a Geografia, meus campos de pesquisa preferenciais, tem

uma contribuição fundamental para a compreensão e a busca desta ciência libertadora. Estou comprometido com este projeto e com essa busca. ☉

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. A Filosofia do Não; O Novo Espírito Científico. In: RAMOS, Joaquim J. M. (Org.) **Bachelard**. Trad. Joaquim José Moura Ramos. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BARRETO, D. I. S.; WEIMER, Günter; MEDEIROS, Humberto; HOLZER, Werther. **A Arquitetura Popular do Brasil**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2010.
- BAXANDALL, Michael. **O olhar renascente**: pintura e experiência social na Itália da renascença. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu**. 6 ed. Trad. Introdução e Notas de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro Editora, 2003.
- BUTTIMER, Anne. **Values in Geography**. Washington, DC: Association of American Geographers, 1974.
- CAMÕES. **Os Lusíadas**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Editores, 1948.
- CARVALHO, Rubens Moreira Rodrigues de. **CittaSlow e o Devir da Cidade-lenta: da fenomenologia arquitetônica ao lugar do urbanismo ecológico**. Niterói, 2017. **Tese** (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, 2017.
- CHÂTELET, François. **A filosofia e a história desde 1780 a 1880**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- CHOAY, Françoise. **O urbanismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. 2 ed. São Paulo: DIFEL, 1985.
- COLLINGWOOD, R. G. **Ciência e filosofia**: a ideia de natureza. Lisboa: Editorial Presença, 1986.
- COLPO, Marcos Oreste. O método fenomenológico de investigação e as práticas clínicas em Psicologia. **Psicologia Revista**, v. 22. n. 1, p. 101-118, 2013.
- COMTE, Auguste. Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista. In: GIANNOTTI, Arthur. **Comte**. Trad. José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- D'AGOSTINO, Mário Henrique Simão. Qual a meta? Sobre Leon Battista Alberti. **Limiar**, vol. 2, n. 3, p. 165-203, 2014.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DARTIGUES, André. **O que é a fenomenologia?** São Paulo: Centauro, 1992.
- EMBREE, Lester. The Possibility of a Constitutive Phenomenology of the Environment. In: BROWN, Charles S.; TOADVINE, Ted. **Ecophenomenology**: back to the Earth itself. Albany: SUNNY Press, 2003.
- FEYERABEND, Paul. **Contra o Método**. Trad. Octanny S. da Mota e Leônidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GLACKEN, Clarence. **Traces on Rhodian shore**: nature and culture in western thought from ancient times to the eighteenth century. 5 ed. Berkeley: University of California Press, 1990.
- GIGLIO, Mónica A.; PUENTES, Elquin; HOLZER, Werther. Sostenibilidad de distintas formas de crecimiento en ciudades

Teias de memórias: sítios, lugares, arquitetura, paisagens, cidades e espaços geográficos

Werther Holzer

emergentes sudamericanas – experiência colaborativa para la medición comparativa de indicadores aplicados al hábitat urbano local. **Anais... X Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo Barcelona-Córdoba, 2018, Córdoba, Argentina.** p. 1-20.

GOTO, Tommy Akira. Fenomenologia, mundo-da-vida e crise das ciências: a necessidade de uma geografia fenomenológica. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 33-48, 2013.

HAHN, Hans; NEURATH, Otto; CARNAP, Rudolf. A concepção científica do mundo – o Círculo de Viena. Dedicado a Moritz Schlick. **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, v. 10, p. 5-20, 1986.

HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HAUTECOEUR, Louis. **História geral da arte**. São Paulo: DIFEL, 1962.

HEIDEGGER, Martin. **Sobre o problema do ser/O caminho do campo**. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 15 ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8 ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2012.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista Anglo-Saxônica – de suas origens aos anos 90. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 55, n. 1-4, p. 109-146, 1993.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura** (UERJ). p. 8-19, 1996a.

HOLZER, Werther. A Arte da Geografia e os Geógrafos Humanistas. **Revista Fluminense de Geografia**, n. 1, p. 21-28, 1996b.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 8-19, 1997a.

HOLZER, Werther. Uma Discussão Fenomenológica sobre os Conceitos de Paisagem, Lugar, Território e Meio Ambiente. **Território**, n. 3, p.77-85, 1997b.

HOLZER, Werther. Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil no século XVI. 1998. Tese (doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

HOLZER, Werther. O lugar na Geografia Humanista. **Território**, v. 4, n. 7, p. 67-78, 1999a.

HOLZER, Werther. Paisagem, Imaginário, Identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDHAL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999b. p. 149-168.

HOLZER, Werther. Memórias de Viajantes: paisagens e lugares de um Novo Mundo. **GEOgraphia**, v. 2, n. 3, p. 111-122, 2000.

HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel In: ROSENDHAL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001a. p. 103-122.

HOLZER, Werther. O Lugar dos Ocupantes: a configuração do Brasil no século XVI. In: SANTOS, Thereza Carvalho (org.). **Dinâmicas Territoriais: tendências e desafios da integração do Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro, RJ: CIORD/UNB e AAP, 2001b. p. 242-252.

HOLZER, Werther. O conceito de lugar na Geografia Cultural-Humanista: uma contribuição para a Geografia contemporânea. **GEOgraphia**, v. 5, n. 10, p. 113-123, 2003.

HOLZER, Werther. Augustin Berque: um trajeto pela paisagem. **Espaço e Cultura**, n. 17-18, p. 55-63, 2004a.

HOLZER, Werther. A Paisagem no Cinema Novo Brasileiro. **Poiésis**, v.5, p. 25-48, 2004b.

HOLZER, Werther. Diálogos entre Ciência e Arte: uma reflexão fenomenológica. In: MUCCI, Latuf Isaias (org.). **Interlúdios: arte,**



ciência e tecnologia. Rio de Janeiro: Booklink/UFF-IACS, 2004c. p. 190-204.

HOLZER, Werther. A Geografia Cultural e a História: uma leitura a partir da obra de Lowenthal. **Espaço e Cultura**, p. 32-47, 2005.

HOLZER, Werther. Sobre paisagens, lugares e não-lugares. In: OLIVEIRA, Lívia de; FERREIRA, Yoshiya Nakagawara; GRATÃO, Lúcia Helena Batista; MARANDOLA JR., Eduardo (orgs.). **Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente**. Londrina: Edições Humanidades, 2006.

HOLZER, Werther. A Trajeção: reflexões teóricas sobre a paisagem vernacular. In: ROSENDHAL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Espaço e Cultura: pluralidade temática**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008a. p. 155-172.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, edição comemorativa 1993-2008, p. 137-147, 2008b.

HOLZER, Werther. A influência de Eric Dardel na construção da Geografia Humanista norte americana. **Anais... XVI Encontro Nacional de Geógrafos**, Porto Alegre, 2010.

HOLZER, Werther. O Método Fenomenológico: humanismo e a construção de uma nova Geografia In: ROSENDHAL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Temas e Caminhos da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010a. p. 37-71.

HOLZER, Werther. Notícias de um Novo Mundo: a transposição da paisagem européia para o Brasil do século XVI. In: BONFIM, Paulo Roberto Albuquerque; SOUSA NETO, Manoel Fernandes (orgs.). **Geografia e Pensamento Geográfico no Brasil**. São Paulo: Annablume/GEOPO-USP, 2010b. p. 111-122.

HOLZER, Werther. A construção de uma outra ontologia geográfica: a contribuição de Heidegger. **Geografia**, v. 35, p. 241-251, 2010c.

HOLZER, Werther. Mundo e Lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA,

L. (orgs.). **Qual o Espaço do Lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012a. p. 281-304.

HOLZER, Werther. Cozinhas e Comida Caseira: pratos com peixe e paisagens de restinga. **Geograficidade**, v. 2, n. 1, p. 68-75, 2012b.

HOLZER, Werther. Sobre Territórios e Lugaridades. **Cidades**, v. 10, p. 18-29, 2013.

HOLZER, Werther. Paisagem cultural e arquitetura vernacular: o caso dos suíços em Nova Friburgo. **Fórum Patrimônio: ambiente construído e patrimônio sustentável**, v. 7, p. 1-12, 2014a.

HOLZER, Werther. O Sabor do Sal: paisagens vernaculares da Araruama. **Geograficidade**, v. 4, n. especial, p. 47-58, 2014b.

HOLZER, Werther. A Fenomenologia Ontológica-Estrutural de Armando Corrêa da Silva: variações sobre o tema. **Geograficidade**, v.4, n. 1, p. 38-42, 2014c.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista: sua trajetória 1950-1990**. Londrina: EDUEL, 2016a.

HOLZER, Werther. A Urbanização Dispersa e Seu Incremento Pelo Programa "Minha Casa, Minha Vida": O Caso de Maricá – RJ. In: OJIMA, Ricardo; MARANDOLA Jr, Eduardo. (orgs.). **Dispersão urbana e mobilidade populacional: implicações para o planejamento urbano e regional**. São Paulo: Edgard Blucher, 2016b. p. 71-90.

HOLZER, Werther. Ser-na-Cidade: por uma arquitetura e urbanismo como lugar. **Pensando: Revista de Filosofia**, v. 8, p. 20-32, 2017.

HOLZER, Werther; COYUNJI, Michele Abuche; CAMPOS, G. C. B de. Disperse Urbanization in Região dos Lagos: A case study. **Anais... International Seminar on Urban Form. Landscape and Urban Form**, 2008, Carmignano, Itália. Landscape and Urban Form. Carmignano, Itália: ISUF/CISPUT, 2008. p. 1-9.

HOLZER, Werther; ALCÂNTARA, Vera. Paisagem Vernacular: aldeamentos salineiros. **Poiésis**, v. 12, p. 89-100, 2008.

HOLZER, Werther; CRICHYNO, Jorge. Área de Proteção Ambiental de Maricá: potencial paisagístico-ambiental da vegetação aplicada ao projeto. **Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana**, v. VIII, n. 4, p. 4-5, 2000.

HOLZER, Werther; CRICHYNO, Jorge; PIRES, Alice Cabanelas. Avaliação da Urbanização em Restingas. **Jornal da Paisagem**, agosto, 2003.

HOLZER, Werther; CRICHYNO, Jorge; PIRES, Alice Cabanelas. Sustentabilidade da Urbanização em Áreas de Restinga: uma proposta de avaliação pós-ocupação. **Paisagem e Ambiente**, n. 19, p. 49-65, 2004a.

HOLZER, Werther; CRICHYNO, Jorge; PIRES, Alice Cabanelas. Uma Avaliação da Sustentabilidade da Urbanização em áreas de Restinga. **OLAM**, v. 4, n. 1, p. 586-596, 2004b.

HOLZER, Werther; CRICHYNO, Jorge; ANTÔNIO, Nathália Lopes. Instrumentos de Intervenção Urbana: um estudo de caso em áreas de expansão. **Anais... II Seminário Brasileiro de governabilidade Participativa – Cidades que se Planejam**. Fortaleza, CE, 2005a. p. 1-23.

HOLZER, Werther; CRICHYNO, Jorge; ANTÔNIO, Natália Lopes. A Utilização dos Instrumentos de Intervenção Urbana em Maricá. **Anais... I Seminário Maricá: dinâmica urbana e ambiental**, 2005, Maricá – RJ, 2005b. v. 1. p. 1-11.

HOLZER, Werther; CRICHYNO, Jorge; BAHIENSE, M. C. M.; Reynaldo, F. M. S. Disperse Urbanization in Região dos Lagos: a case study. **Anais... XIV International Seminar on Urban Form -ISUF**, 2007, Ouro Preto – MG/Belo Horizonte – MG: Escola de Arquitetura – UFMG, 2007a. p. 1-14.

HOLZER, Werther; CRICHYNO, Jorge; BAHIENSE, M. C. M.; Reynaldo, F. M. S. Urbanização e Meio Ambiente em Maricá. **Revista Educação em Movimento**, v. 1, p. 80-92, 2007b.

HOLZER, Werther; CRICHYNO, J.; BAHIENSE, M. C. M.; Reynaldo, F. M. S. Urbanização Dispersa: estudo de caso em Maricá. In: **II Seminário Nacional Metrópole, Governo e Sociedade**, 2007, Rio de Janeiro. **Anais... II Seminário Nacional Metrópole, Governo e Sociedade**. Rio de Janeiro: UERJ, 2007c. p. 1-21.

HOLZER, Werther; DAMASCENO, A. V.; FAJARDO, L. M.; CARVALHO, P.C.G. Arquitetura de Taipa em Nova Friburgo – RJ. **Anais... V Congresso de Arquitetura e Construção com Terra no Brasil**, 2014, Viçosa - MG: TerraBrasil/UFV, 2014. p. 206-213.

HOLZER, Werther; FOLLY, V. A. Taipa de Mão em Nova Friburgo e Municípios Limítrofes: um estudo comparativo. **Anais... 7º Congresso de Arquitetura e Construção com Terra no Brasil**, 2018, Rio de Janeiro: TerraBrasil/UFRJ, 2018. p. 225-233.

HOLZER, Werther; SANTOS, Camila Quevedo dos. Notas sobre a dispersão urbana: o exemplo de Maricá, RJ. In: COSTA, Maria de Lourdes; SILVA, Maria Lais Pereira da (orgs.). **Produção e Gestão do Espaço**. Niterói: FAPERJ/Casa 8, 2014. p. 279-294.

IHDE, Don. **Technology and the Lifeworld: From Garden to Earth**. Bloomington: Indiana University Press, 1990.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 3 ed. Trad. Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

JACKOBSON, Roman. Curriculum Vitae de um filósofo checo (Posfácio ao "Essais Hérétiques: sur la philosophie de l'histoire", de Jan Patočka). Trad. Werther Holzer. **Rev. Abordagem Gestalt.**, v. 22, n.2, 2016.

KARJALAINEN, Pauli Tapani. Lugar em Urwind: uma perspectiva humanista. Trad. Werther Holzer. **Geograficidade**, v. 2, n. 2, p. 4-22, 2012.

KEHLMANN, Daniel. **A medida do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

- LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1985. p.103-141.
- LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Lisboa: Edições 70, 1973.
- MARANDOLA JR., Eduardo; Holzer, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. (Orgs.) **Qual o Espaço do Lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012.
- MEINIG, D. W. O olho que observa: dez versões da mesma cena. Trad. Werther Holzer. **Espaço e Cultura**, n. 16, p. 35-46, 2002.
- MELO NETO, João Cabral. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MEYER-ABICH, Adolf. **Alexander von Humboldt – 1769-1969**. Bonn: Inter Nationes, 1969.
- NITERÓI. **Lei Municipal n. 659, de 28 de agosto de 1987**. Concede isenção de IPTU para edifícios garagens e redução de base de cálculo dos imóveis situados em Zonas de Preservação Urbana de Interesse Histórico e Cultural. Niterói: Câmara Municipal, 1987.
- NITERÓI. **Lei orgânica do município de Niterói**. Câmara Municipal de Niterói. Niterói, RJ, 2010.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci: towards a phenomenology of architecture**. New York: Rizzoli, 1979.
- OTERO-PAILOS, Jorge. **Architecture's Historical Turn: Phenomenology and the Rise of the Postmodern**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.
- PORTZAMPARC, Christian de. A terceira era da cidade. **Óculum**, n. 9, 1997.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Notas sobre Urbanização Dispersa e Novas Formas de Tecido Urbano**. São Paulo: Via das Artes, 2006.
- RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. London: Pion, 1976.
- RICOEUR, Paul. Prefácio ao "Essais Hérétiques: Sur la Philosophie de L'histoire", de Jan Patočka. Trad. Werther Holzer. **Rev. abordagem Gestalt**, v.22, n. 2, 2016.
- RONAI, Maurice. Paisagens II. Trad. Werther Holzer. **GEOgraphia**, v. 17, n. 34, p. 247-261, 2015.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4 ed. São Paulo, EDUSP, 2006.
- SAUER, Carl. A Educação de um Geógrafo. Trad. Werther Holzer. **GEOgraphia**, ano 2, n. 4, p. 137-150, 2001.
- SEBRAE/ GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Projeto Inventário de Bens Culturais Imóveis: desenvolvimento territorial dos Caminhos Singulares do Rio de Janeiro – Sal**. Rio de Janeiro: SEBRAE/ Governo do Estado do Rio de Janeiro, 2004.
- TAFURI, Manfredo. **Sobre el Renacimiento: principios, ciudades, arquitectos**. Madrid: Cátedra, 1995.
- TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1985. p. 143-164.
- TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo e lugar: um arcabouço humanista. Trad. Werther Holzer. **Geograficidade**, v. 1, n. 1, p. 4-15, 2011.
- TUAN, Yi-Fu. A cidade: sua distância da natureza. Trad. Werther Holzer. **Geograficidade**, v. 3, n. 1, p. 4-14, 2013.

Teias de memórias: sítios, lugares, arquitetura, paisagens, cidades e espaços geográficos  
Werther Holzer

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Lívia de Oliveira. 2 ed. Londrina: EDUEL, 2015.

UFF, Universidade Federal Fluminense. Resolução n. 534/2014. **Boletim de Serviço**, Seção III, ano XLV, n. 2, p. 22-26, 2015.

VITTE, Antônio Carlos. A ciência humboldtiana e a geografia física. **Mercator**, Fortaleza, v. 10, n. 23, p. 71-82, 2011.

WASIAK, Jason. Ser-na-cidade: uma aproximação fenomenológica da experiência tecnológica. Trad. Werther Holzer. **Geograficidade**, v. 7, n. 1, p. 4-20, 2017.

WRIGHT, John K. *Terrae Incognitae*: o lugar da imaginação na geografia. Trad. Letícia Pádua. **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 4-18, 2014.

ZABEU, Gabriela Miranda. Tradição e Autoridade na Hermenêutica de Hans-Georg Gadamer. **Peri**, v. 6, n. 1, 2014. p. 99-117.

Submetido em Fevereiro de 2020.

Aceito em Março de 2020.